

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE:
A REVERBERAÇÃO DO CONFLITO CONJUGAL NA FAMÍLIA

Dissertação de Mestrado

Bianca da Rocha Hameister

Porto Alegre, março de 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE:
A REVERBERAÇÃO DO CONFLITO CONJUGAL NA FAMÍLIA

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Adriana Wagner

Bianca da Rocha Hameister

Porto Alegre, março de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à UFRGS e a à CAPES, pela oportunidade de realizar o mestrado em uma Universidade que é um exemplo de qualidade no país. Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia, que trabalham com dedicação e de maneira incansável para manter a boa formação dos alunos e em prol da pesquisa no Brasil. Ao relator Claudio Hutz e aos professores da banca de qualificação do projeto e defesa da dissertação, obrigada pela leitura, por estarem presentes neste momento e pelas valiosas sugestões indicadas para melhor desenvolvimento do trabalho.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora, Adriana Wagner, por sua incrível capacidade de compreender famílias e seus fenômenos, há tantos anos. Ao longo desses dois anos de mestrado, entendi o motivo de me espelhar tanto em suas escritas ao longo de minha formação: excelente professora, pesquisadora, orientadora e, principalmente, pessoa. Obrigada pela paciência e pelos ensinamentos!

Antes de agradecer às colegas de grupo, gostaria de mencionar em especial a recém-doutora Paola Barbosa, que também dedicou seu tempo e paciência para que esta dissertação pudesse “tomar forma”. Meus primeiros passos no mestrado e no grupo “Dinâmica das Relações Familiares” foram inserindo seus dados no SPSS, e, naquela época, nem tínhamos ideia da grande ajuda que me darias na minha “reta final”! Muito obrigada! E, agora sim, agradeço com muito carinho às colegas Marina, Juliana, Angélica, Patrícia, Lisiane e Ana, que, em meio a cafés, trabalhos e conversas fizeram toda diferença nessa caminhada.

Muito obrigada à minha família, por compreender minhas ausências e até mesmo impaciências ao longo desse período, e também pelo apoio e incentivo de todos esses anos. Agradeço também ao meu marido por todo apoio, ajuda e paciência, não só nesses dois anos, mas por aceitar o desafio de viver na prática, ao meu lado, as tais estratégias de resolução de conflitos. Em especial, um obrigada à minha amiga e colega de profissão Karen, por todas as vezes em que leu meu trabalho, sem reclamar, enquanto ele era construído. Nos momentos de insegurança, principalmente, essa presença foi fundamental! Obrigada!

Enfim, a todos que de alguma forma se fizeram presentes na minha formação como mestranda e como psicóloga, sou muito grata... Cada um tem um pedaço especial nesse caminho de aprendizados que está só começando!

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| LISTA DE TABELAS E FIGURAS | 5 |
| RESUMO | 6 |
| ABSTRACT | 7 |
| CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO II - CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO EFEITO <i>SPILLOVER</i> | 10 |
| Resumo | 10 |
| Abstract | 10 |
| Resumen | 10 |
| Introdução | 11 |
| Método | 13 |
| Resultados | 14 |
| Discussão e considerações finais | 21 |
| Referências | 23 |
| CAPÍTULO III - CONFLITO CONJUGAL E AS ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO: EFEITO <i>SPILLOVER</i> SOBRE OS FILHOS | 30 |
| Resumo | 30 |
| Abstract | 30 |
| Introdução | 30 |
| Método | 34 |
| Resultados e discussão | 37 |
| Considerações finais | 43 |
| Referências | 45 |
| CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 50 |
| REFERÊNCIAS | 52 |
| ANEXOS | 53 |
| Anexo A – Questionário feminino..... | 54 |
| Anexo B – Questionário masculino | 59 |
| Anexo C – Questionário filhos | 64 |
| Anexo D – Termo de consentimento livre e esclarecido | 71 |
| Anexo E – Termo de consentimento livre e esclarecido filhos | 73 |
| Anexo F – Registro no Comitê de Ética de Pesquisa | 75 |
| Anexo G – Parecer consubstanciado do CEP | 76 |

LISTA DE TABELAS E FIGURAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Contexto dos artigos..... | 14 |
| Tabela 2 – Motivos que levam ao conflito conjugal | 39 |
| Figura 1 – Análise de escalonamento multidimensional | 41 |

RESUMO

Esta dissertação objetivou analisar como o conflito conjugal circula nas famílias, compreendendo seu papel no desenvolvimento da prole. Foi realizada uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional dos últimos 10 anos sobre o efeito spillover. Os resultados apontam as consequências de conflitos construtivos e destrutivos para casais e filhos, além da escassez de publicações brasileiras sobre a temática. Em seguida realizou-se um estudo empírico com 179 famílias, analisando as opiniões e comportamentos de filhos e casais durante seus conflitos, através das escalas *Conflict resolution styles inventory*, *Children's perception of interparental conflict* e *Children's action tendency scale*. Encontrou-se que os filhos identificam os desentendimentos entre seus pais e que isso tem um impacto em seus sentimentos e atitudes. Houve associação entre a forma como casais e filhos encaminham seus conflitos. Refletiu-se sobre as possibilidades de prática nesse contexto, dada a importância sobre a temática para a saúde familiar.

Palavras-chave: Relações familiares; Conflito conjugal; Filhos; *Spillover*.

ABSTRACT

CONJUGALITY AND PARENTHOOD: THE REVERBERATION OF MARITAL CONFLICT IN THE FAMILY

This work aimed to analyze how marital conflict runs in families. A systematic review about the spillover effect was performed in national and international literature of the last 10 years. The results showed the consequences of constructive and destructive conflicts to couples and their offspring. It also points out the dearth of Brazilian publication in that area. Following, an empirical study was done with 179 families. The reports of children and couples about their disagreements and their behavior in these occasions were analyzed by Conflict resolution styles inventory, Children's perception of interparental conflict and Children's action tendency scale. Results showed that children identify disagreements between their parents and that this has an impact on their feelings and attitudes towards life. There was an association between the conflict resolution strategies of couples and children. The possibilities of work in this context were discussed, given the importance of the theme to family health.

Keywords: Family relations; Marital conflict; Children; Spillover.

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo avaliar as reverberações do conflito conjugal na família. Para tanto, parte-se da hipótese *spillover*, segundo a qual o que acontece no âmbito conjugal afeta e é afetado pela relação do par parental com os filhos. Segundo este conceito, o conflito na família é atravessado pelos padrões estabelecidos nos relacionamentos entre seus membros e pelo que acontece nos diferentes contextos por eles frequentados - daí sua nomenclatura, definida por transbordamento, após traduzida (Erel & Burman, 1995).

Essa dissertação articula duas das três principais linhas de pesquisa do Núcleo de Pesquisa Dinâmica das Relações Familiares: “Relações conjugais: conflito, diversidade e qualidade conjugal” e “Família e a tarefa de educar: desafios e reflexões na diversidade”, uma vez que estuda a reverberação do conflito conjugal no ambiente familiar. O grupo de pesquisa, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Adriana Wagner vem estudando essa temática desde 2001. Mais recentemente, o faz a partir de dois projetos de pesquisas, sendo eles “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: questões de gênero, resolução de conflitos e violência” (Edital FAPERGS/CNPq PRONEX 08/2009) e “Conjugalidade e parentalidade: estratégias de resolução de conflitos de pais e filhos” (CNPq nº 302727/2009-4).

O objetivo do primeiro estudo foi mapear as relações conjugais de 750 casais participantes quanto aos níveis e estilos de resolução dos conflitos conjugais, presença de indicadores de violência e atitudes de gênero na relação do casal. Já o segundo visava compreender as relações entre os níveis de conflitos conjugais e estilos de resolução de tais conflitos no âmbito do casal parental e também de seus filhos. Os dados obtidos através desse último projeto foram analisados no presente trabalho. Sendo assim, esta dissertação é uma intersecção desses dois estudos maiores. O objetivo foi avaliar a reverberação dos estilos de resolução de conflitos conjugais no subsistema parental a fim de entender como o conflito circula no ambiente familiar.

Os objetivos específicos foram: a) examinar a perspectiva dos filhos sobre os conflitos entre seus pais, investigando quais motivos eles identificam em tais conflitos e que sentimentos suscitam de tais desavenças; b) verificar a forma como os filhos e os casais caracterizam o relacionamento conjugal; c) identificar estratégias de resolução de conflitos dos casais, com base em quatro estilos pré-definidos: resolução positiva dos problemas, envolvimento no conflito, afastamento e submissão; d) assinalar as estratégias utilizadas por seus filhos com seus pais, a partir das dimensões assertividade, agressão e submissão, analisando as possíveis relações entre os estilos de encaminhar os conflitos na família.

Para tanto, o trabalho é apresentado em dois artigos. O primeiro (Capítulo II) consiste em uma revisão sistemática da literatura dos últimos 10 anos, que analisa o foco da produção nacional e internacional quanto à temática *spillover* do conflito conjugal. Entende-se que a reverberação do subsistema conjugal para o parental pode ocorrer de diferentes maneiras, envolvendo variáveis como parentalidade, trabalho dos cônjuges, nível de estresse pessoal e conjugal, qualidade conjugal, dentre outros. Contudo, esta revisão buscou incluir exclusivamente artigos com foco no conflito conjugal e na relação com o desenvolvimento dos filhos. Existe ampla gama de estudos nessa área, porém, apenas recentemente houve fortalecimento da avaliação circular do sistema familiar, em substituição à análise causal das consequências das relações de um subsistema para o outro. Neste trabalho, discutem-se as metodologias e instrumentos mais utilizados no estudo da temática e as possíveis maneiras de ocorrência dessa reverberação. O relato foi dividido em duas principais formas de *spillover*: dos conflitos construtivos e dos conflitos destrutivos.

Após compreender como o conflito conjugal e seu transbordamento na família são representados na literatura nacional e internacional, o segundo estudo pôde complementar o conhecimento de como esse fenômeno ocorre em uma amostra brasileira. O segundo artigo (Capítulo III) teve como objetivo caracterizar o conflito conjugal em uma amostra de casais e seus filhos, apresentando as possíveis associações entre eles, assim como determinados perfis familiares na resolução dos conflitos. Os resultados, corroborando os achados do estudo teórico, indicaram que os filhos estão cientes de diferentes características do conflito interparental e que os filhos tendem a repetir com seus pais os estilos de resolução de conflito adotados por seus pais na vivência de seus desentendimentos enquanto casal.

Reconhecer a existência dessa forma de transbordamento da conjugalidade para a parentalidade é importante para que se possa pensar o papel do psicólogo e do pesquisador frente ao conflito conjugal. O conflito é caracterizado de maneira igual ou diferente pelos diferentes membros da família? As crianças e adolescentes, em sua maioria, reproduzem os padrões adotados por seus pais na vivência de suas dificuldades de relacionamento? Independente da ressonância do conflito, como esses conhecimentos podem ser úteis para a prática profissional? Considerando a escassez de estudos com amostra brasileira sobre a reverberação das estratégias de resolução de conflito dos casais no desenvolvimento dos filhos, espera-se que refletindo sobre tais questões esta dissertação venha a contribuir para o avanço da pesquisa sobre famílias no país.

CAPÍTULO II - CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DO EFEITO *SPILLOVER*

Resumo: Relações parentais funcionais ou disfuncionais reverberam sobre todos os membros do sistema familiar. O objetivo deste trabalho foi revisar sistematicamente a literatura nacional e internacional dos últimos 10 anos, mapeando o conflito conjugal, suas reverberações na parentalidade e no desenvolvimento dos filhos. Utilizou-se as palavras-chaves “couples” e “parents”, “conflict” e “marriage” e “children”, “spillover” e “conjugalidade” e “conflito”, nas bases de dados Scopus, Medline, Lilacs, Scielo e Pepsico. Foram selecionados 76 artigos completos, revisado por pares, que envolvessem a temática do conflito na dinâmica familiar. Os resultados relatam os principais dados sobre o contexto desses estudos, instrumentos mais utilizados e seus principais achados. Os dados indicam consistência na literatura no que se refere às consequências dos distintos tipos de conflitos do casal para o desenvolvimento dos seus filhos. Constatou-se escassez de pesquisas sobre o tema na população brasileira.

Palavras-chave: Relações conjugais; Relações familiares; Conflito conjugal; Filhos.

Marital conflict and parenting: systematic review of the spillover

Abstract: Functional or dysfunctional parental relationships reverberate on all members of the family system. The aim of this study was to systematically review national and international literature of the last 10 years, to map marital conflict and its reverberations on parenting and children's development. The following key words were used, at Scopus, Medline, Lilacs, SciELO and Pepsico: "couples" and "parents", "conflict" and "marriage" and "children", "spillover" and "marital" and "conflict". 76 complete articles, revied by peers, that involved the conflict in the family dinamic were selected. Results report data about the context of the studies, the instruments they used and their main findings. Data showed consistency in literature in terms of the different types of marital conflict and their consequences for children's development. A dearth of research on the topic in the Brazilian population was found.

Key words: Marital relations; Family relations; Marital conflict; Children.

Matrimonio y paternidad: una revisión sistemática del efecto *spillover*

Resumen: Relaciones parentales funcionales o disfuncionales reverberan en todos los miembros del sistema familiar. El objetivo de este estudio fue revisar sistemáticamente la literatura nacional y internacional de los últimos 10 años con el fin de conocer el conflicto

marital y sus reverberaciones en la crianza y desarrollo de los niños. Utilizamos las palabras clave "couples" y "parents", "conflict" y "marriage" y "children", "spillover" y "marital" y "conflict" en el Scopus, Medline, Lilacs, SciELO y PsycInfo. Tras la lectura de los resúmenes, fueron seleccionados y analizados 76 artículos completos, revisado por consultores ad hoc, y que presentaban el tema del conflicto conyugal y sus consecuencias en la familia. Los datos principales fueron analizados a partir del contexto de los estudios, los instrumentos más utilizados y sus principales resultados. Los datos reunidos revelan las consecuencias del conflicto para el desarrollo de los niños y la relación con los diferentes tipos de conflicto entre la pareja. Se encontró una escasez de investigación sobre el tema en la población brasileña.

Palabras clave: Relaciones conyugales; Relaciones familiares; Conflictos conyugales; Niños.

Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito *Spillover*

A relação existente entre a qualidade do vínculo conjugal e a forma como os membros do casal exercem a parentalidade vem sendo discutida na literatura desde a década de 1980. Os resultados das primeiras pesquisas que investigaram tal associação já apontavam que bons níveis de funcionamento conjugal relacionam-se com o desenvolvimento saudável dos filhos (Goldberg & Easterbrooks, 1984). Desde então, muitos estudos têm sido realizados buscando conhecer a influência recíproca entre a conjugalidade e a parentalidade.

Uma das hipóteses explicativas para compreender a dinâmica desse processo foi denominada de efeito *spillover* (Erel & Burman, 1995). Tais autores afirmam existir um transbordamento do clima emocional da relação de conjugalidade dos progenitores para a parentalidade e vice-versa. De acordo com essa perspectiva, a qualidade da relação conjugal tem um impacto no subsistema parental, sendo que um relacionamento conturbado entre o casal tende a trazer consequências negativas para os filhos (Mosmann, Zordan, & Wagner, 2011). Por outro lado, um relacionamento conjugal marcado por estratégias positivas na resolução dos conflitos pode reverberar positivamente no desenvolvimento da prole (Mc Coy, Cummings, & Davies, 2009), a partir do aumento dos níveis de responsividade, adaptabilidade e coesão parental (Mosmann, 2007).

Estudos têm sido realizados, a partir de diferentes enfoques, na tentativa de compreender como ocorre esse processo de reverberação, já que nem todas as crianças expostas a experiências negativas – como o conflito conjugal – desenvolverão problemas de ajustamento. As diferenças individuais, como a capacidade de resiliência ou características da personalidade dos filhos e variáveis referentes ao funcionamento da família, como as práticas parentais ou a existência de alianças entre a criança e os pais, exercem um importante papel nessa dinâmica (Grych, Raynor, & Fosco, 2004). A interação entre as características individuais dos pais (personalidade, satisfação com o casamento e com a parentalidade) e do conflito conjugal (motivos, intensidade, resolução) também são variáveis importantes para compreender o processo de transbordamento entre os subsistemas conjugal e parental (Carlson, Pilkauskas, Mc Lanahan, & Brooks-Gunn, 2011; Feinberg, Jones, Kan, & Goslin, 2010).

Nesse sentido, pesquisas apontam que casais com baixos níveis de satisfação conjugal, que vivenciam conflitos intensos e frequentes, têm sua relação com os filhos afetada negativamente (Erel & Burman, 1995), demonstrando a permeabilidade entre a conjugalidade e a parentalidade. A literatura da área também demonstra a existência de dois importantes modelos teóricos que fundamentam grande parte das pesquisas sobre o efeito *spillover*. O

Modelo Cognitivo-Contextual preconiza que a interpretação das crianças sobre o conflito interparental e o contexto onde vivem têm importante papel nos efeitos que o conflito terá sobre elas (Grych & Fincham, 1990). Já o Modelo da Segurança Emocional sugere que o sentimento de proteção e a segurança emocional vivenciados na família têm função central na forma como os filhos lidam com o conflito conjugal e, conseqüentemente, em seu ajustamento psicológico (Davies & Cummings, 1994).

Pesquisas que se apoiaram nesses dois modelos apontam que diferentes variáveis atuam como mediadoras ou moderadoras do efeito *spillover*. Algumas delas são: triangulação do conflito (envolver o filho nos desentendimentos do casal), problemas internalizantes (sintomas de ansiedade e depressão) ou externalizantes (comportamentos agressivos ou opositivos), esperança dos filhos a respeito da resolução da situação, apego aos pais e sintomas depressivos dos cônjuges (Buehler & Welsh, 2009; Pedro, Ribeiro, & Shelton, 2012). A complexidade da relação entre variáveis na construção do efeito *spillover* tem, inclusive, revelado a necessidade de lançar mão de métodos mais abrangentes de investigação do fenômeno.

Com isso, é possível identificar o papel de mais de uma variável no processo de *spillover* em um mesmo estudo. Uma dessas variáveis diz respeito às características específicas do conflito conjugal. A literatura aponta quatro dimensões como elementos fundamentais para definir seu impacto no desenvolvimento dos filhos: a frequência, a intensidade, o conteúdo e a resolução dos conflitos. A forma como ocorre a situação conflituosa pode contribuir para um melhor desfecho quando o casal apresenta manejo apropriado e habilidades de comunicação, ou o contrário, no caso de uso de agressividade física e verbal (Benetti, 2006).

Outra diferenciação que colabora para a compreensão dos desentendimentos entre o casal se dá a partir dos conceitos de conflito construtivo e destrutivo, ambos com diferentes impactos no contexto familiar. O primeiro envolve estratégias positivas de resolução dos problemas, como a busca pelo acordo, boa comunicação e demonstração de afeto e apoio entre o casal. O segundo, por outro lado, abrange o uso de hostilidade, raiva, agressão física e/ou verbal e insultos pessoais durante a situação conflituosa. Conforme esperado, as estratégias construtivas não apenas reduzem respostas negativas ou problemas de ajustamento dos filhos, como também aumentam aspectos positivos do funcionamento psicológico deles (Mc Coy et al., 2009).

Assim, muitos são os fatores envolvidos no processo do *spillover*, com diferentes possibilidades a respeito do papel que o conflito exerce na família. Frente a isso, torna-se relevante conhecer como a literatura da área vem retratando esse fenômeno e quais as

variáveis que têm sido consideradas nos estudos sobre esse processo. Diante da importância dessa temática para a saúde do ambiente familiar, esse trabalho pretende mapear o conflito conjugal e suas reverberações na parentalidade e no desenvolvimento dos filhos. Objetiva-se também conhecer as principais variáveis relacionadas, identificando como o fenômeno *spillover* se apresenta na literatura brasileira e internacional dos últimos 10 anos.

Método

As buscas da presente revisão sistemática foram realizadas nas seguintes bases de dados: *Scopus* e *Medline*, através do Portal Periódicos Capes; e *Lilacs*, *Scielo* e *Pepsico*, pelo site BVS Psicologia ULAPSI – Brasil. Utilizou-se os descritores “*couples*” e “*parents*”, “*conflict*” e “*marriage*” e “*children*”, “*spillover*” e “conjugalidade” e “conflito”.

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos completos publicados a partir de 2004, em inglês, português ou espanhol, com acesso gratuito e revisado por pares. Foram encontrados 4992 artigos. Destes, foram eliminados aqueles trabalhos que não se adequavam aos critérios estabelecidos ou que não indicavam incluir diretamente a temática do “*spillover*”.

Os artigos foram inicialmente selecionados com base na leitura dos títulos e resumos/abstracts. A partir disso foram selecionados 162 artigos. Uma segunda etapa da seleção foi realizada sendo excluídos os artigos cujas temáticas não envolviam a relação entre o conflito e a dinâmica familiar. Nesse sentido, estudos com foco principal em fatores como trabalho, saúde física, doenças mentais, alimentação, relações de gênero e sexualidade não permaneceram na amostra final.

Ao final desse processo foram selecionados e lidos na íntegra 76 artigos, os quais foram organizados em uma planilha contendo dados de identificação do manuscrito (título, autores, ano de publicação e revista publicada), participantes, objetivos, delineamento, temáticas associadas, instrumentos utilizados e principais resultados. Os dados de identificação dos manuscritos foram resumidos e os principais resultados apresentados nos trabalhos foram agrupados em categorias temáticas. Estas foram construídas a partir dos critérios estabelecidos por Bardin (2011), isto é, categorias que fossem mutuamente excludentes, homogêneas, pertinentes, objetivas e produtivas.

Resultados

A análise do material será apresentada partindo do contexto dos artigos analisados e, posteriormente, do conjunto de achados derivados destes.

Contexto dos artigos

O contexto dos artigos se refere às informações a respeito do ano e local de publicação, participantes e os métodos que originaram os estudos analisados, como pode ser visto na tabela 1. Também se explicita na tabela os instrumentos mais utilizados nas pesquisas

sobre o tema, considerando o delineamento dos estudos.

Tabela 1

Contexto dos artigos

| | Maior número | Menor número |
|---------------|--|---|
| Ano | 2004 a 2010 (média de 8,5 artigos por ano) | 2011 a 2014 (média de 4,2 artigos por ano) |
| Local | Estados Unidos (76%) | Países da Europa (11%), Ásia (5%), Canadá (4%) e Brasil (4%) |
| Participantes | Diádes ou tríades (84% do total). Destas - 59% famílias, 9,3% família e professoras e 31,2% casais | Apenas um membro da família (16% do total). Destes - filhos (67%), mães (25%), ou entrevistas individuais com o filho e suas professoras (8%) |
| Método | Estudos quantitativos (98,7%) | Revisão teórica - 1,3% (Villas Boas, Dessen, & Melchiori, 2010) |

No que se refere ao volume de publicação dos trabalhos, foi possível identificar uma queda na quantidade de publicações sobre a temática nos últimos três anos. Quanto ao local, percebe-se predominância de pesquisas realizadas nos Estados Unidos (60 artigos, 79%). No Brasil foram produzidos apenas 4% do total das publicações analisadas (3 artigos), evidenciando a escassez de estudos sobre a temática no país. Ainda foram produzidos trabalhos na Holanda, Portugal, Hong Kong, Coreia do Norte, Reino Unido, Alemanha e alguns trabalhos multiculturais (envolvendo mais de um país) na Palestina e Israel, México, China e Europa e Chile e Colômbia. A análise diádica ou triádica (84%), mais especificamente envolvendo casais e seus filhos (59%) também foi predominante, o que indica a importância do olhar sobre a relação que se estabelece entre os subsistemas em pesquisas sobre essa temática que se caracteriza por ser eminentemente relacional (Villas Boas et al., 2010). Em contrapartida, quando a análise era individual, o foco foi avaliar os filhos (67%) ou suas mães (25%), negligenciando a visão do pai a respeito do tema.

Dentre os estudos, foram encontradas diferentes estratégias metodológicas. São

exemplos: avaliação de programas de intervenção para pais (Faircloth & Cummings, 2008; Feinberg et al., 2010), pesquisas longitudinais (46% do total) e abordagem multimétodo (43% do total). Quanto aos instrumentos, foram utilizados questionários, escalas e/ou entrevistas combinadas com codificação de vídeos sobre a interação entre o casal e/ou a família, com uso do *System for Coding interaction in dyads* (Sturge-Apple, Davies, & Cummings, 2006), por exemplo. As principais variáveis mensuradas incluem as interações entre os grupos, como já mencionado, as estratégias de resolução de conflitos – *Conflict resolution styles Inventory* (Van-Doorn, Brange, Vandervalk, De Goede, & Meeus, 2011), as práticas parentais - *The Parenting scale* (Feinberg et al., 2010), e o ajustamento dos filhos - *Child behavior checklist* (Garcia, Marín, & Currea, 2006).

Conjunto dos achados

Com a análise dos resultados dos artigos alguns temas emergiram, os quais foram agrupados em categorias de conteúdos afins. Sabe-se que o conflito conjugal não deve ser examinado como um construto unidimensional. É preciso considerar a sua condição de ressonância, a qual se modifica conforme se processa no ambiente. Assim, conflitos construtivos e destrutivos têm diferentes impactos nos processos familiares e no desenvolvimento da prole (Mc Coy et al., 2009). É importante mencionar que, por esse caráter bidimensional do conflito e por muitos artigos incluírem diversas variáveis em seus resultados, estes não se limitam a apenas um tipo de *spillover*, explorando tanto reverberações construtivas quanto destrutivas do conflito conjugal.

A partir deste pressuposto, os artigos foram organizados de acordo com o conteúdo de seus achados em quatro categorias: duas caracterizam a bidimensionalidade do conflito, no caso, *spillover* dos conflitos construtivos e *spillover* dos conflitos destrutivos. Nessas categorias também serão descritas as possíveis consequências da situação conflituosa para o desenvolvimento dos filhos. Estas podem ter relação direta com o conflito conjugal, a partir da exposição a ele (Cummings, Goeke-Morey, & Papp, 2004), ou indireta, por meio de mudanças nas práticas parentais (Carlson et al., 2011), do apego na família (Milings, Walsh, Hepper, & O'Brien, 2013) ou pelo tipo de sentimento gerado na criança (Grych et al., 2004). A terceira agrupa aqueles trabalhos sobre a maneira que os filhos interpretam e reagem aos conflitos do par parental, e a última reúne informações sobre alguns fatores de risco e proteção dos filhos em contextos conflituosos.

1. Categoria *spillover* dos conflitos construtivos

Um importante achado foi o de que apenas 26,3% do total de artigos se referiram ao *spillover* dos conflitos construtivos entre os subsistemas. Nessa categoria foram incluídos os relatos de resultados potencialmente saudáveis para as relações familiares ou para o

desenvolvimento dos filhos, provenientes de conflitos ou estratégias construtivas de resolução.

O trabalho de Merrifield e Gamble (2013) revela que quando o casal se envolve em atividades para manter o casamento e em ações para melhorar a satisfação conjugal, a eficácia de suas práticas parentais é maior do que naqueles que não investem na conjugalidade. Ou seja, ações buscando a melhora do subsistema conjugal acabam por ter resultados benéficos para a relação que se estabelece com o subsistema parental. Alguns exemplos de variáveis do casal parental associadas a bons níveis de qualidade conjugal são: o envolvimento parental (Carlson et al., 2011), o apoio parental (Stapleton & Bradbury, 2012) e o apego seguro entre pais e filhos (Milings et al., 2013; Roskam, Meunier, & Stievenar, 2011).

O *spillover* dos conflitos construtivos também provém do uso de estratégias que levam à resolução positiva do conflito. Quando o acordo foi possível entre os cônjuges/pais, os artigos relataram melhores resultados no funcionamento e no ajustamento psicológico dos filhos (Cummings et al., 2004; Mc Coy et al., 2009). Pais cujos filhos demonstraram comportamentos socialmente habilidosos indicaram melhor comunicação conjugal e avaliaram seu casamento de maneira mais positiva do que negativa (Bolsoni-Silva & Marturano, 2010).

O uso de estratégias positivas utilizadas pelos pais na resolução de conflitos se associou com o uso das mesmas pelos filhos em dois estudos (Bucx & Seiffge-Krenke, 2010; Van-Doorn et al., 2011). Quando um padrão de negociação, busca pelo acordo, empatia e apoio parental foi estabelecido na família, tanto entre o casal quanto na relação com os filhos, estes também se mostraram mais competentes para resolver os problemas com os pares (Feldman, Masalha, & Derdikman-Eiron, 2010). Tais achados evidenciam a importância das estratégias positivas de resolução dos conflitos conjugais para o aprendizado dos filhos. Nestes casos, ainda que sejam estudados de forma menos frequente (26,3% dos artigos analisados), os conflitos do subsistema conjugal tornam-se fontes de aprendizado da prole de como enfrentar as próprias dificuldades de modo construtivo.

2. Categoria *spillover* dos conflitos destrutivos

Essa categoria reuniu 84,2% do total dos artigos examinados, o que demonstra o maior foco dos estudos nas consequências negativas que o conflito conjugal pode gerar. Segundo os resultados encontrados, essa reverberação pode ocorrer de maneira direta, pela exposição ao conflito conjugal, ou indireta, advinda de mudanças nas atitudes de um ou de ambos os cônjuges ou dos sentimentos gerados na criança ou adolescente. Os pesquisadores demonstram que a reverberação direta ou indireta pode afetar tanto as relações entre o subsistema parental, quanto o ajustamento e as relações dos filhos com seus pares.

Diversos estudos corroboram a existência de consequências destrutivas do conflito conjugal para as práticas parentais (Pedro et al., 2012; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013). A hostilidade e a evitação entre os cônjuges apresentaram-se associadas positivamente a maiores índices de indisponibilidade materna (Sturge-Apple et al., 2006), enquanto a agressividade entre o casal apareceu positivamente relacionada a comportamentos parentais mais punitivos e hostis (Doh et al., 2012; Taylor, Lee, Guterman, & Rice, 2010) e a menor apego dos filhos com seus progenitores (Laurent, Kim & Capaldi, 2008). O uso de agressividade entre o casal também se associou ao aumento dos comportamentos disruptivos da criança – através dos quais expressam raiva ou frustração (Musick & Meier, 2010) e sintomas internalizantes (ansiedade e depressão) em casa e na escola (Lee et al., 2005). Variáveis como a hostilidade entre os cônjuges (Benson et al., 2008; Feldman et al., 2010; Low & Stocker, 2005), o aumento da exposição ao conflito ao longo do tempo (Atkinson et al., 2009; Schermerhorn, Cummings, De Carlo, & Davies, 2007) e o estresse familiar (Flook & Fuligni, 2008), assim como as práticas parentais de controle psicológico e de menor compreensão e empatia (Benson et al., 2008), se mostraram bastante potentes na relação entre os problemas de ajustamento dos filhos (expressão de comportamentos inter e externalizantes) e os conflitos conjugais.

Tais distúrbios também podem estar relacionados, mediados ou moderados por características dos próprios filhos advindas da situação conflituosa, tais como sentimentos de culpa, estresse (Ablow, Measelle, Cowan, & Cowan, 2009) e insegurança emocional (Kouros, Merrilees, & Cummings, 2008). Famílias que relataram vivenciar o sentimento de estresse no ambiente familiar também demonstraram práticas menos apoiadoras ao ensinar as crianças sobre suas próprias emoções (Nelson et al., 2009).

A amplitude da reverberação do conflito conjugal nas práticas parentais faz com que outros aspectos sejam afetados, como o estilo de apego dos filhos. Estilos não seguros nos filhos se relacionaram com menores níveis de responsividade dos pais e maiores níveis de estilos parentais autoritário e permissivo (Milings et al., 2013). A parentalidade ainda se mostrou comprometida quando maiores níveis de conflito conjugal levaram à confusão de papéis, fazendo com que os filhos se sentissem impelidos a cuidar de seus pais, e, estes, a envolvê-los em sua conjugalidade (Peris, Goeke-Morey, Cummings, & Emery, 2008). Variáveis mediadoras das dificuldades conjugais e parentais, como o alcoolismo, podem agravar o efeito *spillover*, já que, em tal contexto, o conflito se associou com o exercício ineficaz da parentalidade, disciplina inconsistente e controle psicológico (Keller, Cummings, & Davies, 2005).

Alguns dos resultados foram diferentes para os pais e para as mães, como os achados

de que a responsividade paterna se relaciona mais à satisfação conjugal do que a materna (Stroud, Wilson, Durbin, & Mendelsohn, 2011). A insensibilidade ao estresse dos filhos e o controle psicológico do pai em relação a eles também apresenta correlação negativa com a satisfação conjugal (Davies, Sturge-Apple, Woitach, & Cummings, 2009). Para as mães, a estratégia de evitação do conflito conjugal teve relação com as práticas parentais e o aumento dos níveis de cortisol ao longo do tempo. Quanto maior a evitação, maior o nível de estresse e o uso de práticas negativas (hostilidade, controle, baixo apoio) com os filhos (Sturge-Apple, Davies, Cicchetti, & Cummings, 2009). O afeto entre o casal se relacionou com o afeto pais-criança, mas o conflito conjugal se associou significativamente com o conflito pais-criança apenas para as mães (Fauchier & Margolin, 2004).

Em famílias reconstituídas ou divorciadas, quando a criança foi exposta ao conflito em mais de um núcleo familiar, o risco para problemas externalizantes foi particularmente alto (Dunn, O'Connor, & Cheng, 2005). Isso reforça a ideia de que quanto maior a exposição ao conflito, maior a probabilidade de problemas de ajustamento, já que até mesmo conflitos construtivos se mostraram um risco para o comportamento infantil, nos casos de ambientes altamente conflituosos (Cummings et al., 2004).

No entanto, as consequências do conflito interparental para os filhos seguem ocorrendo até sua idade adulta. As características do relacionamento dos pais se mostraram preditoras das relações amorosas dos filhos, principalmente em padrões de agressividade ou hostilidade (Hare, Miga, & Allen, 2009; Whitton et al., 2008). Houve continuidade do comportamento conflituoso na família e da qualidade do ambiente (casal parental e pais-filhos) para as relações amorosas na geração seguinte (Topham, Larson, & Holan, 2005). Nesse padrão, a falta de regulação emocional é um importante mecanismo que se repete nas trocas conjugais (Kim et al., 2009).

Caracterizando a dinâmica sistêmica do *spillover*, essa reverberação na família também pode ocorrer no sentido inverso – dos filhos para a conjugalidade dos pais. A literatura registra que os casais sentem que os filhos interferem no casamento tanto positiva quanto negativamente (Braz, Dessen, & Silva, 2005). Ainda, há registros de que as crianças podem contribuir para a manutenção dos processos familiares destrutivos (Gerard, Krishnakumar, & Buehler, 2006). A direção dessa influência, de acordo com Jenkins et al. (2005) é do aumento do conflito conjugal devido ao comportamento da criança ou adolescente. A existência de problemas externalizantes dos filhos se mostrou preditora do aumento do conflito interparental, por exemplo. Ter filhos adolescentes também foi um fator estressor para o casal, já que a qualidade conjugal diminuiu nessa fase do ciclo vital familiar (Cui & Donnell, 2009).

Em análise mais específica sobre a permeabilidade das emoções e vivências entre os diferentes subsistemas, a relação com o genitor de sexo oposto ao do filho também se mostrou importante. Quando a qualidade desta relação foi baixa, os adolescentes indicaram dificuldade para aprender sobre como se comportar em relações amorosas heterossexuais (Bucx & Seiffge-Krenke, 2010). Na relação com amigos esse padrão de *spillover* também se manteve (Feldman et al., 2010), o que enfatiza a importância de se atentar para o papel das características da família durante a infância e adolescência dos filhos para a construção de seus relacionamentos adultos no futuro.

3. Categoria interpretação e reação dos filhos frente ao conflito

A reverberação do conflito conjugal é regulada pela forma como o(s) filho(s) interpretam e reagem ao conflito conjugal de seus pais (Grych & Fincham, 1990). As emoções vivenciadas por eles também foram consideradas e estudadas por Davies e Cummings (1994). Os relatos das crianças sobre os conflitos dos pais foram consistentes com as observações dos conflitos entre o casal, o que indica que os filhos percebem adequadamente as diferentes nuances do relacionamento entre seus pais (Lindahl & Malik, 2011). A triangulação, isto é, ser chamado a participar das discussões dos progenitores, destacou-se entre os resultados. Pesquisadores revelaram um aumento na participação dos filhos nas brigas quando os níveis de conflito eram maiores (Buehler & Welsh, 2009; Schermerhorn et al., 2005) e quando os adolescentes apresentaram emoções negativas frente à situação conflituosa (Grych et al., 2004; Schermerhorn et al., 2005). As crianças mostraram tendência a se aliar com aqueles com quem têm laços biológicos, em famílias reconstituídas, ou com o genitor com quem apresenta maior afeto em famílias intactas (Dunn et al., 2005).

Os resultados das pesquisas analisadas reportam ainda que os sentimentos de culpa, insegurança e ansiedade afetaram a percepção da criança sobre o conflito interparental e sua reação frente a ele. A sensação de ameaça, caracterizada como medo de que a constituição da família possa ser alterada ou de que a situação conflituosa leve a consequências negativas para si, também interferem na maneira como o filho vê e reage ao conflito conjugal. Quanto mais se sente ameaçado, maior sua tendência a reagir ativamente ou emocionalmente (Lindahl & Malik, 2011; Richmond & Stocker, 2007). Esses resultados se mantiveram especialmente quando a ameaça era referente a ser levado para dentro do conflito ou à possibilidade de que a briga entre o casal afetasse a relação de afeto entre os pais e a prole, chegando essa variável a ser a única preditora para problemas internalizantes dos filhos (Atkinson et al., 2009).

As crianças também demonstraram mais sentimentos negativos para conflitos destrutivos do que construtivos. Sentimentos de raiva e medo se associaram positivamente com uso de estratégias de intervenção e envolvimento para regular a exposição ao conflito,

enquanto a tristeza relacionou-se positivamente com estratégias de evitação e monitoramento da situação conflituosa (Koss et al., 2011). Entretanto, os sentimentos de esperança, proteção e apego aos pais se revelaram como indicadores de proteção dos adolescentes (Buehler & Walsh, 2009).

4. Categoria fatores de risco e proteção aos filhos

Diante de tantas possibilidades de reverberação do conflito na família, foi possível identificar entre os trabalhos analisados, contudo, alguns fatores que podem ser considerados tanto de risco como de proteção à criança ou adolescente. O apego entre pais e filhos (Roskam et al., 2011), fatores genéticos (Horwitz et al., 2011) e fatores fisiológicos, como os níveis de funcionamento dos sistemas simpático e parassimpático (Koss et al., 2013), são exemplos de diferenças individuais que afetam a maneira como o *spillover* se apresenta em cada família. Já a satisfação conjugal (Garcia et al., 2006) e características parentais como companheirismo (Davies & Lindsay, 2004), sensibilidade e apoio à autonomia dos filhos (National Institute of Child Health and Human Development Early Child Care Research Network [NICHD], 2004) se mostraram variáveis parentais protetivas aos filhos em contexto de conflito interparental. O mesmo ocorreu quando os filhos manejaram respostas proativas quanto a tal ocorrência (Schermerhorn, Cummings, De Carlo, & Davies, 2007).

Discussão e considerações finais

Os resultados dessa revisão sistemática corroboram o processo de *spillover* na família, tanto para conflitos construtivos quanto para os destrutivos. Houve consenso nas pesquisas analisadas sobre a existência de uma relação de influência mútua entre a conjugalidade e a parentalidade, especificamente no que se refere ao papel do conflito nessa relação. Por um lado, alguns dos artigos selecionados apontam os efeitos construtivos do *spillover*, demonstrando que investimentos na conjugalidade resultam em melhora das práticas parentais. Além disso, a utilização de estratégias construtivas de solução de conflitos entre o casal são também observadas nos filhos na relação com seus pares. Por outro lado, os efeitos destrutivos de tal permeabilidade entre os subsistemas conjugal e parental são percebidos no desenvolvimento dos filhos quando o conflito conjugal não é bem manejado. Filhos de casais que vivenciam agressividade, hostilidade e evitação do conflito em seu relacionamento são os que sofrem com as piores práticas parentais, menor desenvolvimento de estratégias de regulação emocional, dificuldades para lidar adequadamente com o conflito, além de maiores níveis de ansiedade e depressão.

Entretanto, mesmo que a literatura revisada descreva resultados positivos e negativos do *spillover*, seus efeitos nocivos são mais frequentemente descritos do que aqueles possíveis de promover saúde na família. A minoria de artigos analisados pôde ser categorizada como

descrevendo o *spillover* dos conflitos construtivos. Essa ênfase exemplifica o foco na problemática (ou na doença) e a lacuna existente sobre estudos a respeito daquilo que é promotor de saúde na família. Já que existem características saudáveis da relação conjugal que reverberam para outros subsistemas, estas devem ser melhor compreendidas, auxiliando diferentes profissionais a promover as potencialidades existentes ao lidar com indivíduos ou famílias.

Os resultados também demonstram uma compreensão bidirecional entre a relação conjugal e parental, visto que 84% dos estudos utilizaram análises diádicas ou triádicas em sua metodologia. Entretanto faz-se relevante a realização de mais estudos com o objetivo de compreender a influência dos filhos na conjugalidade dos pais. Estudos apontam que os níveis de conflito conjugal diminuem ao longo do tempo quando a criança toma atitudes frente à situação conflituosa, como falar aos pais sobre seus sentimentos nessas ocasiões, por exemplo (Schermerhorn et al., 2007; Schermerhorn et al., 2005). Porém, mesmo que essa relação tenha sido registrada, ainda não é claro porquê de ocorrer essa diminuição dos níveis de conflito entre o casal. Nesse caso, é preciso cuidado ao dizer que os filhos ajudam nesse processo, sem antes mapear o valor explicativo das variáveis implicadas na dinâmica conjugal conflitiva. É possível, por exemplo, que alguns casais apenas percebam o nível de hostilidade com que se relacionam quando a criança demonstra abertamente como se sente em tais ocasiões. Isso, então, pode tornar-se um incentivo para o casal buscar maneiras menos destrutivas de encaminhar seus problemas conjugais.

Algumas pesquisas ainda apontam que os sentimentos dos filhos sobre a relação familiar afetam a sua reação ao conflito. Enquanto sentimentos de culpa, insegurança, ansiedade e ameaça a si ou à constituição familiar se associam a reações mais ativas e emocionais ao conflito (Lindahl & Malik, 2011; Richmond & Stocker, 2007), sentimentos de esperança, proteção e apego aos pais se relacionam à menor reação emocional (Buehler & Walsh, 2009). Ou seja, as consequências negativas ou positivas do conflito conjugal para os filhos também se associam à percepção que eles têm sobre esse contexto. Por esse motivo, o clima das relações no subsistema parental e a maneira como o casal maneja os próprios conflitos na família é fundamental. Crianças e adolescentes que se sentem protegidos e confiantes tendem a lidar melhor com tais situações.

Os estudos revisados têm importante contribuição na construção do conhecimento nessa área, considerando a complexidade dos aspectos envolvidos na compreensão desta temática. A abordagem multimétodo, predominante entre os estudos analisados, é a que consegue abranger maior complexidade, a partir da investigação das diferentes facetas do conflito conjugal, assim como dos diferentes cenários onde ele ocorre. A exemplo disso,

destacam-se os estudos dedicados a analisar o impacto do conflito conjugal no desenvolvimento dos filhos ao longo do tempo (estudos longitudinais) e dos comportamentos de díades ou tríades (observação das famílias) aliados à perspectiva individual dos participantes (aplicação de questionários e escalas).

Os estudos têm avançado muito nos últimos anos, passando da replicação das pesquisas pioneiras e testagem dos modelos teóricos de Grych e Fincham (1990) e Davies e Cummings (1994) à realização de análises complexas relacionando características dos cônjuges, dos filhos, das relações familiares e da forma como ocorre o conflito em um mesmo estudo. As pesquisas mais recentes têm focado na fisiologia e na genética dos conflitos conjugais, por exemplo. No entanto, ainda é necessário maior conhecimento sobre o papel das diferenças individuais, como as características da personalidade de cada familiar, e dos acontecimentos ocorridos fora do sistema familiar, tais, como aspectos culturais e o contexto do trabalho e da escola, por exemplo.

Há outras variáveis importantes que muitas vezes não são incluídas devido às próprias limitações dos estudos, tais como divórcio dos pais, histórico de apego, características de personalidade e estresse crônico na vida dos casais (Stapleton & Bradbury, 2012). Embora algumas delas apareçam nos objetivos e resultados das pesquisas, geralmente não são o principal foco do estudo, surgindo como fatores indiretos a serem medidos. É importante que tais construtos recebam maior atenção em pesquisas futuras, de maneira a ampliar o conhecimento das variáveis envolvidas na complexa dinâmica do *spillover* na família.

Compreender o papel do conflito conjugal e a forma como ele é encaminhado visando à saúde familiar é um importante desafio. Isso explica a demanda por mais estudos, principalmente no Brasil, onde o tema não tem sido examinado, vide a pequena quantidade de artigos encontrados com os descritores utilizados na presente estudo, sendo menor ainda o número daqueles que partem de análises diádicas na tentativa de entender a relação entre tais subsistemas.

Sabe-se que o conflito é inerente as relações humanas. Sendo assim, o que diferencia uma família de outra é a forma como encaminham suas desavenças. Por isso, conhecer a dinâmica familiar que envolve o conflito conjugal abre a possibilidade de criar e oferecer intervenções psicoeducativas e clínicas, que venham a contribuir no fortalecimento das relações familiares e na otimização de seus níveis de saúde.

Referências

Ablow, J. C., Measelle, J. R., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2009). Linking marital conflict and children's adjustment: the role of young children's perceptions. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 485–499. doi: 10.1037/a0015894.

Atkinson, E. R., Dadds, M. R., Chipuer, H., & Dawe, S. (2009). Threat is a multidimensional construct: exploring the role of children's threat appraisals in the relationship between interparental conflict and child adjustment. *J Abnorm Child Psychol*, *37*, 281–292. doi: 10.1007/s10802-008-9275-z.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Benetti, S.P.C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *19*(2), 261-268.

Benson, M. J., Buehler, C., & Jerard, J. M. (2008). Interparental hostility and early adolescent problem behavior. *Journal of Early Adolescence*, *28*(3), 428-454. doi: 10.1177/0272431608316602.

Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26*(1), 67-75.

Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *18*(2), 151-161.

Bucx, F. & Seiffge-Krenke, I. (2010). Romantic relationships in intra-ethnic and inter-ethnic adolescent couples in Germany: the role of attachment to parents, self-esteem, and conflict resolution skills. *International Journal of Behavioral Development*, *34*(2), 128–135. doi: 10.1177/0165025409360294.

Buehler, C. & Welsh, D. P. (2009). A process model of adolescents' triangulation into parents' marital conflict: the role of emotional reactivity. *Journal of family psychology*, *23*(2), 167-180. doi: 10.1037/a0014976.

Carlson, M. J., Pilkauskas, N. V., Mc Lanahan, S. S., & Brooks-Gunn, J. (2011). Couples as partners and parents over children's early years. *Journal of Marriage and Family*, *73*, 317–334. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00809.x.

Cui, M. & Donnellan, M. B. (2009). Trajectories of conflict over raising adolescent children and marital satisfaction. *Journal of Marriage and Family*, *71*, 478–494.

Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *32*(2), 191–202. doi: 0091-0627/04/0400-0191/0.

Davies, P. T. & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: an emotional security hypothesis. *Psychological Bulletin*, *116*, 387-411.

Davies, P. T. & Lindsay, L. (2004). Interparental conflict and adolescent adjustment: why does gender moderate early adolescent vulnerability? *Journal Family Psychology*,

18(1), 160–170. doi:10.1037/0893-3200.18.1.160.

Davies, P. T.; Sturge-Apple, M. L.; Woitach, M. J., & Cummings, E. M. (2009). A process analysis of the transmission of distress from interparental conflict to parenting: adult relationship security as an explanatory mechanism. *Developmental Psychology, 45*(6), 1761–1773. doi: 10.1037/a0016426.

Doh, H., Shin, N., Kim, M. J., Hong, J. S., Choi, M., & Kim, S. (2012). Influence of marital conflict on young children's aggressive behavior in South Korea: the mediating role of child maltreatment. *Children and Youth Services Review, 34*, 1742–1748. doi:10.1016/j.chilyouth.2012.05.008.

Dunn, J., O'Connor, T. G., & Cheng, H. (2005). Children's responses to conflict between their different parents: mothers, stepfathers, nonresident fathers, and nonresident stepmothers. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 34*(2), 223–234.

Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108.

Faircloth, W. B. & Cummings, E. M. (2008). Evaluating a parent education program for preventing the negative effects of marital conflict. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 141–156. doi: 10.1016/j.appdev.2007.12.004.

Fauchier, A. & Margolin, G. (2004). Affection and conflict in marital and parent-child relationships. *Journal of Marital and Family Therapy, 30*(2), 197-211.

Feinberg, M. E., Jones, D. E., Kan, M. L., & Goslin, L. C. (2010). Effects of family foundations on parents and children: 3.5 years after baseline. *Journal of Family Psychology, 24*(5), 532–542. doi: 10.1037/a0020837.

Feldman, R., Masalha, S., & Derdikman-Eiron, R. (2010). Conflict resolution in the parent-child, marital, and peer contexts and children's aggression in the peer group: a process-oriented cultural perspective. *Developmental Psychology, 46*(2), 310–325.

Flook, F. & Fuligni, A. J. (2008). Family and school spillover in adolescents' daily lives. *Child Development, 79*(3), 776–787. doi: 0009-3920/7903-0019.

Garcia, V. E. C., Marín, I. P. C., & Currea, F. B. (2006). Relaciones maritales, relaciones paternas y su influencia en el ajuste psicológico de los hijos. *Acta Colombiana de Psicología, 9*(2), 115-126.

Gerard, J. A., Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2006). Marital conflict, parent-child relations, and youth maladjustment: a longitudinal investigation of spillover effects. *Journal of Family Issues, 27*, 951-975. doi: 10.1177/0192513X05286020.

Goldberg, W. A., & Easterbrooks, M. A. (1984). Role of marital quality in toddler

development. *Developmental Psychology*, 20 (3), 504-514.

Grych, J. H. & Fincham, J. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive- contextual framework. *Psychological Bulletin*, 108, 267-290.

Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology*, 16, 649–665. doi: 10.10170S0954579404004717.

Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational transmission of aggression in romantic relationships: the moderating role of attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 808–818. doi: 10.1037/a0016740.

Horwitz, B. N., Spotts, E. L., Reiss, D., Ganiban, J. M., Lichtenstein, P., & Neiderhiser, J. M. (2011). The role of aggressive personality and family relationships in explaining family conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 174–183. doi: 10.1037/a0023049.

Jenkins, J., Simpson, A., Dunn, J., Rasbash, J., & O'Connor, T. G. (2005). Mutual influence of marital conflict and children's behavior problems: shared and nonshared family risks. *Child Development*, 76(1), 24–39. doi: 0009-3920/2005/7601-0002.

Keller, P. S., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2005). The role of marital discord and parenting in relations between parental problem drinking and child adjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46(9), 943–951. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00399.x.

Kim, H. K., Pears, K. C., Capaldi, D. M., & Owen, L. D. (2009). Emotion dysregulation in the intergenerational transmission of romantic relationship conflict. *Journal Of Family Psychology*, 23(4), 585–595. doi: 10.1037/a0015935.

Koss, K. J., George, M. R. W., Cicchetti, D., Davies, P. T., Cummings, E. M., & Sturge-Apple, M. L. (2013). Patterns of children's adrenocortical reactivity to interparental conflict and associations with child adjustment: a growth mixture modeling approach. *Developmental Psychology*, 49(2), 317–326. doi: 10.1037/a0028246.

Kouros, C. D., Merrilees, C. E., & Cummings, E. M. (2008). Marital conflict and children's emotional security in the context of parental depression. *J Marriage Fam.*, 70(3), 684–697. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00514.x.

Laurent, H. K., Kim, H. K., & Capaldi, D. M. (2008). Prospective effects of interparental conflict on child attachment security and the moderating role of parents' romantic attachment. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 377–388. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.377.

Lee, C. M., Beauregard, C., & Bax, K. A. (2005). Child-related disagreements, verbal aggression, and children's internalizing and externalizing behavior problems. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 237–245. doi: 10.1037/0893-3200.19.2.237.

Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology, 25*(2), 194–201. doi: 10.1037/a0022888.

Low, S. M. & Stocker, C. (2005). Family functioning and children's adjustment: associations among parents' depressed mood, marital hostility, parent-child hostility, and children's adjustment. *Journal of Family Psychology, 19*(3), 394–403. doi: 10.1037/0893-3200.19.3.394.

Mc Coy, C., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial Behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 50*(3), 270–279. doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x.

Milings, A., Walsh, J., Hepper, E., & O'Brien, M. (2013). Good partner, good parent: responsiveness mediates the link between romantic attachment and parenting style. *Bulletin Personality and Social Psychology, 39*, 169-180. doi: 10.1177/0146167212468333.

Mosmann, C. (2007). A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais (Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil). Retirado de http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/20/TDE-2007-07-02T123159Z-720/Publico/391609.pdf.

Mosmann, C. P., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2011). A qualidade conjugal como fator de proteção do ambiente familiar. In: Wagner, A., & cols. *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. (pp. 58-71). Porto Alegre: Artmed.

Musick, K. & Meier, A. (2010). Are both parents always better than one? Parental conflict and young adult well-being. *Society Scientific Research., 39*(5), 814–830. doi: 10.1016/j.ssresearch.2010.03.002.

National Institute of Child Health and Human Development Early Child Care Research Network [NICHD]. (2004). Fathers' and Mothers' Parenting Behavior and Beliefs as Predictors of Children's Social Adjustment in the Transition to School. *Journal of Family Psychology, 18*(4), 628–638. doi: 10.1037/0893-3200.18.4.628.

Nelson, J. A., O'Brien, M., Blankson, A. N. Calkins, S. D., & Keane, S. P. (2009). Family stress and parental responses to children's negative emotions: tests of the spillover, crossover, and compensatory hypotheses. *Journal of Family Psychology, 23*(5), 671–679. doi: 10.1037/a0015977.

Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: the mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology, 26*(4), 509–522. doi: 10.1037/a0029121.

Peris, T. S., Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., & Emery, R. E. (2008). Marital

conflict and support seeking by parents in adolescence: empirical support for the parentification construct. *J Fam Psychol.* 22(4), 633–642. doi: 10.1037/a0012792.

Richmond, M. K. & Stocker, C. M. (2007). Changes in children's appraisals of marital discord from childhood through adolescence. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 416–425. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.416.

Roskam, I., Meunier, J. C., & Stievenart, M. (2011). Parent attachment, childrearing behavior, and child attachment: mediated effects predicting preschoolers' externalizing behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 32, 170–179. doi:10.1016/j.appdev.2011.03.003.

Schermerhorn, A. C., Cummings, E. M., De Carlo, C. A., & Davies, P. T. (2007). Children's influence in the marital relationship. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 259–269.

Schermerhorn, A. C., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2005). Children's perceived agency in the context of marital conflict: relations with marital conflict over time. *Merrill-Palmer Quarterly*, 51(2), 121-144.

Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development*, 122(2), 363–383. doi:10.1111/sode.12014.

Stapleton, L. T. & Bradbury, T. N. (2012). Marital interaction prior to parenthood predicts parent–child interaction 9 years later. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 479–487. doi: 10.1037/a0029051.

Stroud, C. B., Wilson, S., Durbin, C. E., & Mendelsohn, K. A. (2011). Spillover to triadic and dyadic systems in families with young children. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 919–930. doi: 10.1037/a0025443.

Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., Cicchetti, D., & Cummings, E. M. (2009). The role of mothers' and fathers' adrenocortical reactivity in spillover between interparental conflict and parenting practices. *Journal of Family Psychology*, (2), 215–225. doi:10.1037/a0014198.

Sturge-Apple, M. L., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2006). Hostility and withdrawal in marital conflict: effects on parental emotional unavailability and inconsistent discipline. *J Fam Psychol.*, 20(2), 227–238. doi:10.1037/0893-3200.20.2.227.

Taylor, C. A., Lee, S. J., Guterman, N. B., & Rice, J. C. (2010). Aggression or violence use of spanking for 3-year-old children and associated intimate partner. *Pediatrics*, 126(3), 414-425. doi: 10.1542/peds.2010-0314.

Topham, G. L., Larson, J. H., & Holman, T. B. (2005). Family-of-origin predictors of hostile conflict in early marriage. *Contemporary Family Therapy*, 27(1). doi: 10.1007/s10591-

004-1973-2.

Van-Doorn, M. E., Brange, S. J. T., Vandervalk, I. E., De Goede, I. H. A., & Meeus, W. H. J. (2011). Longitudinal spillover effects of conflict resolution styles between adolescent-parent relationships and adolescent friendships. *Journal of Family Psychology, 25*(1), 157–161. doi: 10.1037/a0022289.

Villas Boas, A. C., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(2).

Whitton, S. W., Schulz, M. C., Crowell, J. A., Waldinger, R. J., Allen, J. P., & Hauser, S. T. (2008). Prospective Associations From Family-of-Origin Interactions to Adult Marital Interactions and Relationship Adjustment. *Journal of Family Psychology, 22*(2), 274–286. doi:10.1037/0893-3200.22.2.274.

CAPÍTULO III – CONFLITO CONJUGAL E AS ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO: EFEITO *SPILLOVER* SOBRE OS FILHOS

Resumo: Este estudo teve como objetivo analisar como o conflito conjugal circula nas famílias investigadas e sua relação com o desenvolvimento da prole. Para tal, foram analisadas as opiniões e comportamentos de 179 casais e seus filhos frente às situações conflitivas, a partir do Questionário sobre Relacionamento Conjugal e das escalas *Children's perception of interparental conflict*, *Conflict resolution styles inventory* e *Children's action tendency scale*. Com as análises descritivas, correlacionais e de escalonamento multidimensional encontrou-se que os filhos percebem adequadamente diferentes nuances dos desentendimentos entre seus pais. Foram identificadas duas principais formas de encaminhamento dos conflitos nas famílias participantes: estilos construtivos (maior utilização das estratégias de resolução positiva e assertividade) ou estilos destrutivos (associação entre as estratégias de agressividade, afastamento e submissão). Percebe-se a importância de conscientizar as famílias a respeito dessas formas de reverberação do conflito conjugal no ambiente familiar e de desenvolver intervenções com foco em otimizar as estratégias utilizadas pelos casais na vivência de seus desentendimentos.

Palavras-chave: Conjugalidade; Parentalidade; Conflito; *Spillover*.

Abstract: This study aimed to analyze how marital conflict circulates in investigated families and its relationship with the development of the offspring. Opinions and behaviors of 179 couples and children during conflict were analyzed, using the *Marital conflict questionnaire*, *Children's perception of interparental conflict*, *Conflict resolution styles inventory* and *Children's action tendency scale*. With descriptive, correlational and multidimensional staggering analysis we found that children adequately perceive different nuances of disagreements between their parents. Two major ways of addressing disputes were identified in participating families: constructive styles (increased use of positive coping strategies and assertiveness) or destructive styles (association between aggression, avoidance and submission strategies). We perceived the importance of creating awareness among the families concerning these forms of reverberation of marital conflict in the family environment and developing interventions focused on optimizing the strategy used by couples in living their disagreements.

Key words: Conjugalility; Parenthood; Conflict; *Spillover*.

Introdução

Desentendimentos são inerentes aos relacionamentos conjugais e podem ocorrer de diferentes maneiras, dependendo de características pessoais dos cônjuges (Feinberg, Jones, Kan, & Goslin, 2010), da dinâmica das relações familiares (Carlson, Pilkauskas, Mc Lanahan, & Brooks-Gunn, 2011) e de fatores que caracterizam o contexto do casal (Grych, Raynor, & Fosco, 2004). Sabe-se também que o clima conjugal afeta e é afetado pela relação dos pais com os filhos (Cummings, Goeke-Morey, & Papp, 2012; Erel & Burman, 1995). Sendo assim, pergunta-se: é possível preservar as crianças dos conflitos conjugais? Os desentendimentos vivenciados pelos cônjuges serão sempre maléficos aos filhos? Quais as consequências de tais desavenças no desenvolvimento da prole? Pesquisas sobre a reverberação dos conflitos conjugais no desenvolvimento dos filhos vêm sendo realizadas desde a década de 1980. Muitas variáveis já foram apontadas como relevantes para a compreensão das consequências do conflito para o casal e seus filhos. Também se tem estudado como e o quanto a utilização de determinadas estratégias de enfrentamento das desavenças do cotidiano conjugal reverbera na relação que os filhos que vivenciam tais conflitos de seus pais estabelecem com seus iguais. Porém, antes de discuti-las, é preciso compreender o significado de tal construto.

Conflitos podem ser definidos como momentos de oposição entre os cônjuges, capazes de gerar desentendimentos ou até dificuldades mais graves no relacionamento (Fincham, 2009). Essas oposições podem ser construtivas, quando contribuem para a busca de acordo e desenvolvimento da comunicação no casamento, ou destrutivas, quando as estratégias de enfrentamento dos cônjuges frente ao conflito são de agressão, evitação ou submissão (Mc Coy, Cummings, & Davies, 2009). A maneira como o casal lida com essas tensões não afeta apenas a díade, mas todos os membros da família, especialmente os filhos (Cummings, et al., 2012; Mosmann, 2007). Há, efetivamente, um transbordamento do clima emocional estabelecido entre os cônjuges para sua prole. Sendo assim, os filhos ficam vulneráveis aos níveis de qualidade conjugal vivenciados por seus progenitores. Esse fenômeno é descrito na literatura especializada como efeito *spillover* (Erel & Burman, 1995).

Apesar das evidências a respeito deste efeito em diferentes estudos e contextos (Schmidt, Crepaldi, Vieira, & Moré, 2011; Hameister, Barbosa, & Wagner, no prelo), os casais nem sempre se dão conta do impacto do conflito conjugal no desenvolvimento dos filhos. Um estudo conduzido por Braz, Dessen e Silva (2005) no Distrito Federal identificou que apenas 7% dos cônjuges estudados acreditam que não manter um bom relacionamento conjugal influencia negativamente na criação da prole.

No entanto, pesquisas apontam que casais que utilizam estratégias construtivas para solucionar seus conflitos apresentam melhores práticas parentais, o que demonstra que o

transbordamento entre os subsistemas conjugal e parental acontece. Os estilos parentais, por exemplo, são diretamente impactados pela forma como se dá o relacionamento conjugal (Yu & Gamble, 2008). Casais que apresentam maiores índices de satisfação conjugal tendem a ser mais responsivos com seus filhos, por exemplo (Mosmann, 2007).

Já conflitos destrutivos têm consequências negativas nas práticas parentais. Casais que vivenciam seus desentendimentos com estratégias inadequadas empregam práticas mais autoritárias e rígidas com as crianças e adolescentes. Observa-se ainda que a prole apresenta maiores níveis de desregulação emocional, ansiedade e depressão nesse contexto (Mc Coy, et al., 2009). Assim, o conflito entre os cônjuges pode afetar o desenvolvimento dos filhos indiretamente, pela reverberação das práticas parentais na relação pais-filhos, ou diretamente, pelo impacto gerado frente à exposição das crianças e adolescentes às oposições entre seus progenitores (Hameister et al., no prelo).

Estudos internacionais têm comprovado o efeito direto do conflito conjugal no desenvolvimento dos filhos através de diferentes associações. Numa pesquisa com famílias norte-americanas altamente conflituosas, o risco dos filhos apresentarem abandono da escola, uso de cigarro e álcool, baixas notas, início precoce da vida sexual e término de relacionamentos amorosos foram maiores do que em famílias com menores níveis de conflito (Musick & Meier, 2010). O conflito interparental também se correlacionou positivamente com a externalização de problemas na infância em outras duas amostras norte americanas (Cummings et al., 2012; Erath & Bierman, 2006).

Por outro lado, estratégias adequadas de resolução de conflitos entre os cônjuges podem reverberar em um melhor desenvolvimento dos filhos. Em estudo brasileiro com crianças pré-escolares, filhos com maior número de comportamentos socialmente habilidosos tinham progenitores que utilizavam mais estratégias positivas de resolução de problemas, tais como conversar para negociar e resolvê-los (Bolsoni-Silva & Marturano, 2010). O mesmo ocorreu em amostra norte-americana, na qual casais que indicaram comportamentos de coesão conjugal tinham filhos que se relacionavam da mesma forma com seus parceiros amorosos na fase adulta (Darling, Cohan, Burns, & Thompson, 2008).

Estudo internacional avaliando o relacionamento de adolescentes com seus irmãos e com seus pares também encontrou essa associação entre as estratégias de manejo do conflito de casais e de seus filhos (Reese-Weber & Kahn, 2005). Quando os conflitos interparentais eram manejados de maneira adequada, era maior o uso de estratégias positivas na resolução de disputas entre os irmãos. Tal pesquisa indicou também que, independente da configuração familiar observada (divorciada ou intacta), as formas de resolver os conflitos eram transmitidas do núcleo familiar para os relacionamentos amorosos no período da adolescência.

Em outro estudo norte-americano, Yu e Gamble (2008) também encontraram associação direta entre o relacionamento conjugal e a qualidade das trocas entre irmãos: pais mais afetuosos, com um casamento onde os cônjuges cooperam um com o outro, possuíam filhos também mais afetuosos e colaborativos com seus irmãos.

É importante considerar que esse fenômeno de transbordamento entre subsistemas é multideterminado, pois a forma como o conflito circula na família depende de vários fatores. Dentre eles, a percepção dos filhos sobre a situação conflituosa, ou seja, a maneira como as crianças ou adolescentes interpretam os desentendimentos entre os progenitores influencia diretamente em como reagem a eles (Goulart & Wagner, 2013; Grych & Fincham, 1990). A prole consegue, ainda, diferenciar adequadamente os padrões de reação dos casais frente ao conflito, compreendendo que este envolve, tanto momentos de discussão branda, quanto desentendimentos mais intensos (Ablow, Measelle, Cowan, & Cowan, 2009). Além disso, os próprios filhos reagem diferentemente dependendo da ação de seus pais. Tristeza, medo, sensação de ameaça e estresse são mais comuns em situações de conflitos destrutivos, quando comparados com conflitos construtivos (Lindahl & Malik, 2011; Richmond & Stocker, 2007).

Sabe-se ainda que presenciar o conflito entre o casal parental leva as crianças a se sentirem inseguras quanto ao casamento deles (Lee, Ng, Cheung, & Wayung 2010). Em famílias com altos níveis de conflitos conjugais, os filhos tendem a se sentir mais envolvidos nas oposições vivenciadas pela díade parental (Schermerhorn, Cummings, & Davies, 2005). Esse fenômeno é chamado na literatura de triangulação, que pode ter reverberações no desenvolvimento dos filhos, tais como: diminuição do bem estar subjetivo e da qualidade da relação com os pais (Amato & Afifi, 2006) e aumento de sintomas internalizantes de ansiedade e depressão (Buehler & Welsh, 2009). Ainda, quando as crianças são expostas à expressão de afeto negativo entre seus pais e quando interpretam o motivo como ameaçador para a integridade da família, demonstram maior agressividade e quebra de regras (Schermerhorn, et al., 2005).

Por outro lado, a exposição à boa comunicação, busca pelo acordo e afeto positivo entre o casal relaciona-se com menor agressividade dos filhos (Cummings, Goeke-Morey, & Papp, 2004). Tais achados demonstram a necessidade de considerar qual o significado do conflito conjugal para crianças e adolescentes quando se pretende avaliar a forma como ele afeta o ajustamento em diferentes etapas do desenvolvimento (Koss, George, Bergman, Cummings, Davies & Cicchetti, 2011; Lindahl & Malik, 2011). Contudo, apesar da existência do fenômeno *spillover*, não só o contexto, mas também as diferenças individuais influenciam em como os filhos reagem ao conflito (Grych et al., 2004). A partir de uma perspectiva sistêmica, os diferentes membros da família podem modificar a herança transgeracional de

forma criativa, transformando-a, ou repeti-la tal qual o modelo de seus antecessores, no enfrentamento dos próprios problemas (Baptista, Cardoso, & Gomes, 2012; Wagner & cols, 2005).

Considerando que os casais possuem suas próprias estratégias de enfrentamento dos conflitos conjugais, pergunta-se: como os filhos reproduzem ou reeditam tais comportamentos no relacionamento com seus pares? Diante da tendência corrente de avaliar adultos e crianças como campos distintos e independentes (Cummings, et al., 2012), busca-se, nesse trabalho, investigar como o conflito conjugal reverbera nos filhos, relacionando suas opiniões e comportamentos à perspectiva dos casais sobre suas situações conflitivas. Objetiva-se ainda conhecer como os casais encaminham seus conflitos entre si e as estratégias mais utilizadas pelos filhos nos desentendimentos com seus pares, buscando identificar possíveis estilos de resolução de conflitos nas famílias investigadas.

Método

Participantes

A amostra do presente estudo é proveniente de um recorte dos dados coletados em duas pesquisas mais amplas, intituladas “Conjugalidade e parentalidade: estratégias de resolução de conflitos de pais e filhos” e “Mapeamento e intervenção nas relações conjugais no RS: questões de gênero, resolução de conflitos e violência”. Essa subamostra, portanto, é composta de 537 participantes, que configuravam 179 famílias, compostas por pai, mãe e um(a) filho(a) em idade escolar.

Os casais mantinham um relacionamento de coabitação e eram oriundos da região metropolitana de Porto Alegre (RS). A maior parte deles estava casada oficialmente (74%) e o tempo médio de relacionamento era de 18 anos ($dp = 6,4$). A idade dos maridos variou de 29 a 65 anos, com média de 45 anos ($dp = 6,5$). A maioria relatou ter Ensino Médio completo (24%), seguido de Ensino Superior completo (22%) e Pós-Graduação completa (15,6%). Noventa e dois por cento trabalham fora. As esposas se caracterizaram por uma idade média de, aproximadamente, 42 anos ($dp = 6,21$). Quanto à escolaridade, 25% possuíam Ensino Médio completo, 21% Pós-Graduação completa, 13,9% Ensino Superior completo, sendo que 77% trabalhavam fora. Os filhos entrevistados estavam em idade escolar, sendo 67% filhos mais velhos e 33% filhos únicos. Em famílias com mais de um filho, os mais novos não foram incluídos a fim de facilitar a comparação entre as famílias voluntárias na pesquisa. Dos participantes, cinquenta e dois por cento eram do sexo masculino e 47,8% do sexo feminino. As idades dos participantes variaram de sete a 16 anos e a média foi de 12 anos ($dp = 2,37$). Aproximadamente metade da amostra (52%) estudava em escola particular.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos, em três versões: questionário adulto feminino e masculino e questionário dos filhos. As versões dos adultos foram compostas pelas seguintes questões e escalas:

1. *Dados sociodemográficos dos casais*: perguntas fechadas sobre os participantes pesquisados, tais como: idade, situação conjugal, escolaridade e ocupação.

2. *Escala de Conflito Conjugal – Marital Conflict Scale (Buehler & Gerard, 2002)* – traduzida para o português brasileiro por Mosmann, Wagner e Sarriera (2008). É composta por nove itens apresentados separadamente em duas subescalas, e avalia os níveis de conflito conjugal. A primeira subescala, denominada “conflito-desentendimentos”, possui seis itens que se referem à frequência com que os participantes experimentaram desentendimentos com seus parceiros no último ano. As respostas foram dadas em uma escala tipo *Likert* de seis pontos (variando de “nunca” a “quase todos os dias”). A outra subescala, denominada “conflito-agressão”, possui três itens que foram pontuados em uma escala tipo *Likert* de cinco pontos (variando de “nunca” a “sempre”). Nessa escala, maiores escores representam altos níveis de conflito. Os índices de confiabilidade geral da escala no presente estudo foram $Alpha=0,62$ para os maridos e $Alpha=0,63$ para as esposas.

3. *Inventário de Estilo de Resolução de Conflito (CRSI) – Conflict Resolution Style Inventory (Kurdek, 1994)* – Composto por 16 itens medidos em uma escala *Likert* de cinco pontos (variando de “nunca” a “sempre”) que avaliam estilos de resolução dos conflitos entre o casal, baseado na premissa de que uma relação estável é afetada pelo estilo individual de cada membro para resolver seus conflitos interpessoais. Estes são divididos em quatro dimensões: *resolução positiva dos problemas* (uso de estratégias positivas de comunicação e tentativa de acordo); *envolvimento no conflito* (ataques pessoais e perda de controle durante uma discussão); *afastamento* (pelo menos um dos membros do casal se recusa a continuar discutindo um assunto); e *submissão* (desistência do parceiro em defender a sua posição adotando uma postura de obediência). Cada dimensão de resolução de conflito é avaliada com a soma dos valores das respostas de cada subescala, resultando na formação de quatro escores. Para o presente estudo, a escala foi traduzida e re-traduzida por psicólogos e realizada análise fatorial exploratória dos componentes principais, rotação oblíqua. Mantiveram-se as quatro dimensões com algumas alterações nos itens que faziam parte de cada uma delas. É possível que os participantes tenham entendido esses itens diferentemente da compreensão na escala original, em inglês. Os dados se mostraram adequados para fatorização ($KMO = 0,80$; Teste de Bartlett = 788.70, $p < 0,001$). Os coeficientes *Alpha de Cronbach* foram medidos separadamente para homens e mulheres, sendo eles: resolução positiva (0,72 e 0,73,

respectivamente), envolvimento no conflito (0,71 e 0,80), afastamento (0,72 e 0,67) e submissão (0,42 e 0,51).

O instrumento utilizado para a amostra de filhos foi composto de:

1. *Dados sociodemográficos do participante e da família*: perguntas fechadas sobre a idade, pessoas com quem mora e alguns dados exploratórios de como considera o relacionamento dos pais (como se relacionam, gostam um do outro e quem geralmente começa as brigas).

2. *Children's Perception of Interparental Conflict – CPIC* (Grych, Seid, & Fincham, 1992): A escala passou por tradução e re-tradução, além de ser adaptada, por pesquisadores psicólogos envolvidos na pesquisa. Contém 51 itens medidos a partir de uma escala tipo *Likert* de três pontos (falso, mais ou menos verdadeiro, e verdadeiro). É subdividida em oito subescalas: quatro descrevem a frequência, a intensidade, a forma de resolução e o conteúdo dos conflitos conjugais dos casais a partir da percepção dos filhos; as outras quatro subescalas descrevem a reação ou interpretação das crianças a respeito dos conflitos, com perguntas que pretendem medir a culpabilidade, a sensação de ameaça, a eficácia das estratégias de enfrentamento e a percepção da estabilidade da causa do conflito. O coeficiente *Alpha de Cronbach* para a escala na presente amostra foi de 0,80.

3. *Escala CATS – Children's Action Tendency Scale* (Deluty, 1979) – Traduzida por Leme (2004), é composta por 13 itens contendo breves situações cotidianas de conflito interpessoal. Cada item é subdividido em três etapas, nas quais a criança escolhe uma opção entre duas possibilidades de respostas que combinam os estilos agressivo, submisso e assertivo. Assim, para cada questão o participante deve escolher três vezes, entre duas alternativas, a que está mais de acordo com as atitudes que geralmente tem em casa ou na escola. Ao final são gerados três escores: o de agressão (qualquer forma de coesão física ou psicológica), o de submissão (ausência de enfrentamento) e o de assertividade (enfrentamento pacífico, negociação, diálogo, defesa, etc). Os escores de cada dimensão podem chegar a no máximo 26 pontos.

Procedimentos

Os dados foram coletados por pesquisadores previamente treinados. Foi realizado contato com os participantes através de escolas públicas e privadas da cidade de Porto Alegre. Todos os alunos entre sete e 16 anos foram informados sobre o objetivo da pesquisa e convidados a participar. Posteriormente, foi feito contato telefônico com os pais dos jovens que aceitaram para convidá-los a também participar do estudo. Em caso de aceite, marcavam-se as entrevistas, que foram realizadas no domicílio dos participantes. Nessa ocasião, foi entregue o questionário e o Termo de consentimento livre e esclarecido (dos filhos e do próprio sujeito) para o par parental. Cada um dos membros da família respondeu ao

instrumento individualmente, sem tomar conhecimento das respostas um do outro. Em todas as etapas a pesquisa respeitou os termos éticos de pesquisas com seres humanos (Resolução CNS 196/96 e CFP 016/2000).

Resultados e Discussão

Em um primeiro momento serão descritas as perspectivas dos casais e de seus filhos sobre o conflito, através de análises descritivas e correlacionais (Escala de Conflito Conjugal e CPIC). Após, serão apresentadas as estratégias de resolução de conflitos (escalas CRSI e CATS) mais utilizadas pela amostra e a relação entre o par parental e a prole, com a análise de escalonamento multidimensional.

Perspectiva do par parental e de seus filhos sobre o conflito conjugal

A fim de conhecer a forma como os filhos percebem o conflito conjugal de seus pais e investigar em que medida essa visão é coincidente com o que os casais reportam sobre seu relacionamento, fez-se primeiramente uma análise descritiva de ambas as amostras (casal parental e filhos) e, posteriormente, foi medida sua correlação através do coeficiente de correlação de *Pearson*.

Embora 91% dos filhos relatem que seus pais têm um **bom relacionamento**, aproximadamente 32% das crianças e adolescentes participantes indica que pelo menos algumas vezes o casal **discute intensamente** ou grita um com o outro. Entretanto, a grande maioria da prole descreve as brigas de seus progenitores como se estes **discutissem calmamente** (75%), ao contrário de uma minoria de 11% que já viu os cônjuges **batendo ou atirando** objetos um no outro.

Embora esta proporção seja aparentemente baixa, deve-se atentar para ela: em uma amostra de conveniência, onde famílias que vivenciam problemas de relacionamento e violência podem escolher não participar, esse percentual pode ser considerado alto. É importante ressaltar também que qualquer nível de agressão pode ser prejudicial para a família. Considerando que os cônjuges tendem a se comportar negativamente em resposta a comportamentos negativos (gritar, bater, insultar, por exemplo) um do outro (Fincham, 2003), a existência dessas ações pode resultar em aumento desses padrões entre o casal com o tempo. Alguns casais nem mesmo têm consciência de que determinados níveis de conflito podem ser identificados como violência conjugal, o que aumenta o risco de que tais comportamentos se repitam, provocando impactos na conjugalidade e na saúde psicológica de todos os envolvidos, inclusive os filhos (Mosmann & Falcke, 2011).

O relato dos casais é coerente com a perspectiva dos filhos. A maior parte da amostra

de maridos (52,3%) e esposas (48,2%) indicou que na maioria das vezes ou sempre **discute calmamente** diante de conflitos. Quanto ao comportamento de **discutir intensamente** ou gritar, apenas 5,2% dos maridos e 9,3% das esposas indica sempre agir dessa forma. Essa parcela de participantes foi consideravelmente menor do que aqueles que somente algumas vezes tomam essa atitude (27,6% dos homens; 27,3% das esposas). A concordância entre a avaliação que os cônjuges e seus filhos fazem do relacionamento conjugal indica que os filhos estão atentos aos comportamentos, atitudes e reações de seus pais no enfrentamento dos conflitos. Em estudo internacional sobre as percepções de crianças sobre o conflito conjugal (Ablow et al., 2009) também foi encontrada associação entre os relatos de casais e filhos. A pesquisa demonstra que os filhos conseguem diferenciar a intensidade dos conflitos, compreendendo que ele envolve tanto momentos de discussão branda quanto desentendimentos mais intensos.

Apesar de perceberem os momentos de discussão entre o casal, a maior parte dos filhos percebe **bons sentimentos** na relação conjugal, já que 95% dizem que tanto o pai quanto a mãe gostam um do outro. Esse reconhecimento é importante, considerando que comportamentos positivos utilizados pelos casais são associados à maior coesão conjugal dos filhos com seus parceiros amorosos na vida adulta (Darling et al., 2008). Os filhos também identificam reciprocidade quanto ao **início das brigas** – metade deles (50,6%) refere que os dois cônjuges começam as brigas. Entretanto, as mães parecem ter iniciativa para as discussões (29,4%) mais do que os pais (19,4%), na visão dos filhos.

O casal parental utiliza algumas **estratégias protetivas** da prole a respeito de seus conflitos, segundo informações dos filhos. Um terço (33%) dos filhos entrevistados relataram serem mandados para seu quarto durante a briga, e a grande maioria das crianças e adolescentes (97%) indicou que não são chamados a participar das discussões. Entretanto, 15% deles disseram que os pais **perguntam sua opinião** sobre a briga, enquanto outros 19% já escutaram os pais **“falarem mal” um do outro** – o que pode levá-los a se sentir “no meio” do casal, ou a pensar que devem escolher um lado – ocasionando a sensação de triangulação (Amato & Afifi, 2006; Buehler & Welsh, 2009).

Esse sentimento, no entanto, não parece estar presente quando se trata dos **motivos de conflito conjugal** identificados pela prole. Na Tabela 1 estão agrupadas as principais causas de desentendimentos, na perspectiva dos casais.

Tabela 1

Motivos que levam ao conflito conjugal

| | | Dinheiro | Tarefas Domésticas | Filhos | Lazer |
|--------|---------------|----------|--------------------|--------|-------|
| Marido | Quase nunca | 39,4% | 36,1% | 30,6% | 32,2% |
| | Mensal | 47,2% | 43,9% | 39,5% | 23,9% |
| | Semanal | 7,2% | 13,4% | 14,4% | 12,2% |
| | Todos os dias | 3,3% | 5,6% | 13,3% | 29,4% |
| Esposa | Quase nunca | 47,2% | 33,9% | 27,8% | 32,2% |
| | Mensal | 40,6% | 41,1% | 42,2% | 21,1% |
| | Semanal | 7,7% | 16,1% | 16,7% | 12,8% |
| | Todos os dias | 1,7% | 6,1% | 6,1% | 27,8% |

Percebe-se que as situações que mais cotidianamente levavam ao conflito, tanto para esposas quanto para maridos, foram aquelas relacionadas aos filhos e ao tempo para lazer. Os filhos, por sua vez, relataram qualitativamente situações que mais frequentemente geravam brigas entre seus pais. Estas respostas foram divididas em categorias com base em conteúdos afins, incluindo possibilidades como dinheiro, tarefas domésticas, educação dos filhos, ciúme, tempo juntos e trabalho. Em sua maioria, afirmaram que os principais motivos de conflito entre os pais são o dinheiro (20,9% dos filhos participantes) e tarefas domésticas (20,9%). Portanto, apesar da concordância entre os cônjuges quanto às causas de conflito conjugal, pais e filhos parecem não relatar os mesmos motivos. Pode-se pensar que exista uma preocupação dos cônjuges com a privacidade, principalmente quando as discussões dizem respeito às dificuldades com a prole. O mesmo pode ocorrer quando se trata de motivos pessoais dos cônjuges ou da intimidade do casal – já que os filhos percebem mais os motivos de ordem prática, como dinheiro e tarefas domésticas, do que outros mais subjetivos e íntimos.

Os dados da escala CPIC, que investiga a percepção dos filhos quanto ao conflito conjugal, também podem auxiliar na compreensão de como os filhos percebem e são afetados pelo relacionamento entre os pais. As dimensões da escala (frequência, intensidade, resolução, conteúdo, ameaça, estratégias, culpabilidade, triangulação e estabilidade) foram relacionadas entre si e com dados sociodemográficos, como a idade dos filhos.

A percepção da frequência dos conflitos aparece positivamente correlacionada com todas as outras dimensões. Ou seja, quanto mais os filhos percebem os conflitos entre os pais como frequentes, reportam maior intensidade das desavenças ($r=0,25^{**}$), mais dificuldade de resolução do conflito ($r=0,19^*$) e instabilidade da relação conjugal ($r=0,27^{**}$). A alta frequência percebida pelos filhos também se correlacionou positivamente com os sentimentos

² * refere-se a $p<0,05$ e ** refere-se a $p<0,001$

de que o conteúdo do conflito é relacionado a eles ($r=0,17^*$), com o sentimento de ameaça ($r=0,30^*$), culpa ($r=0,24^*$) e de triangulação ($r=0,35^{**}$), além de maior necessidade de adotar estratégias para lidar com tais conflitos ($r=0,23^*$).

Atenção especial deve ser dada aos sentimentos da prole. Os sentimentos de **culpa** e **ameaça** também se mostraram correlacionados positivamente às outras dimensões, como intensidade ($r=0,25^{**}$; $r=0,35^{**}$, respectivamente) e necessidade de adoção de estratégias para lidar com a ocasião ($r=0,31^{**}$; $r=0,37^{**}$). No caso de culpabilidade e a percepção de que o conteúdo do conflito era relacionado à prole, o valor da correlação foi maior que todos os outros ($r=0,60^{**}$). Tais correlações demonstram que quanto mais intensos e frequentes os conflitos conjugais de seus pais mais os filhos tendem a desenvolver comportamentos e estratégias para lidar com tais desentendimentos e reportam sentimentos de culpa e ameaça.

O envolvimento dos filhos no conflito – mensurado na escala como **triangulação** – também está associada com a frequência ($r=0,35^*$) e intensidade ($r=0,32^{**}$) das oposições entre os cônjuges. Nestes casos, quanto mais os filhos se sentem triangulados nos conflitos conjugais de seus pais, maior a sensação de ameaça ($r=0,33^{**}$) que vivenciam frente às desavenças. Estes resultados corroboram os achados da literatura internacional sobre o fenômeno (Amato & Afifi, 2006; Buehler & Welsh, 2009; Richmond & Stocker, 2007).

A idade dos filhos entrevistados também se mostrou associada à forma com percebem o conflito conjugal de seus pais. Quanto menor a idade do sujeito, maior a frequência em que relatam haver conflitos entre seus pais ($r = - 0,22^*$) e maior o sentimento de ameaça ($r = - 0,19^{**}$). Estudos internacionais também encontraram resultados semelhantes, indicando que crianças mais novas experenciam mais medo diante de discussões (Jenkins & Buccioni, 2000) e que a vivência do conflito interparental é diferente em cada fase do desenvolvimento dos filhos (Richmond & Stocker, 2003).

Reverberação do conflito na família

Com o intuito de identificar como o conflito conjugal se processa e circula no ambiente familiar e de que forma reverbera, foi realizada uma análise de escalonamento multidimensional (EMD). Esta tem por objetivo mapear, através da similaridade entre os objetos, as distâncias entre eles em um espaço multidimensional. Quanto mais próximos os objetos, maior a similaridade (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009). Foi selecionada a opção PROXSCAL, modelo *spline*, já que ela padroniza os dados antes de gerar o mapeamento. Essa opção é ideal para os objetos do presente estudo, advindos de duas escalas diferentes, no caso, CRSI (que avaliou os estilos de resolução de conflitos entre o

casal) e CATS (que avaliou as estratégias de enfrentamento de conflito interpessoal dos filhos com seus pares). A Figura 1 contém as dimensões e distribuições dos estilos geradas pela análise:

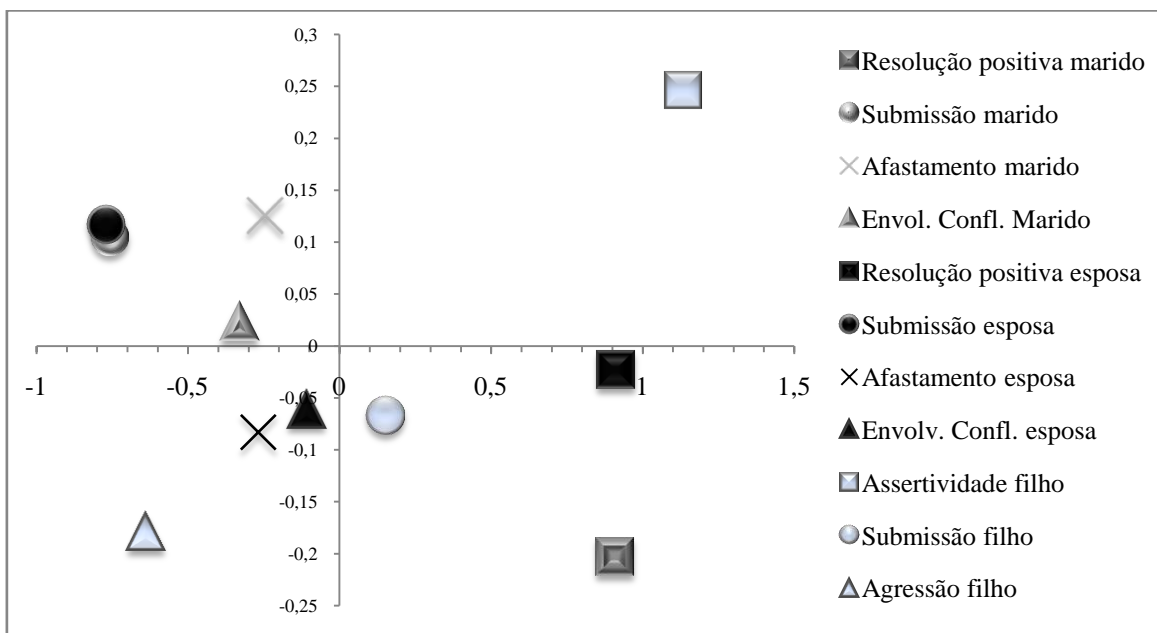


Figura 1. Análise de escalonamento multidimensional

A dimensão que melhor diferencia os dados foi a que agrupa as informações no plano vertical (linha com variação de 0,3 a -0,25), separando-os em lado esquerdo (valores negativos) e direito (valores positivos). Percebe-se que, exceto pela estratégia de submissão dos filhos, o lado direito dessa dimensão agrupa as estratégias construtivas de resolução de conflitos dos membros das famílias participantes, isso é, resolução positiva dos casais e assertividade dos filhos. Já o lado esquerdo reúne os estilos restantes, todos considerados como destrutivos, sendo eles envolvimento no conflito, afastamento e submissão do casal e agressão dos filhos.

Na análise das proximidades, as estratégias localizadas no lado direito estão mais afastadas entre si. A **submissão** dos filhos, apesar de localizada no mesmo eixo das estratégias construtivas de casais e de filhos, está muito mais próxima ao **envolvimento no conflito** e ao **afastamento** da esposa do que aos estilos de resolução positiva dos casais. **Assertividade** dos filhos encontra-se mais próxima da **estratégia de resolução positiva** das esposas do que dos maridos, embora esteja distante de ambos. No entanto, a distância entre ela e **agressão** dos filhos é a maior apresentada – além de estarem em sentido oposto nas duas dimensões possíveis. Esta última estratégia se mostrou próxima ao **afastamento** e ao **envolvimento no conflito** das esposas. Os estilos de **submissão** dos maridos e das esposas ficaram muito

próximos, praticamente no mesmo ponto, e distantes das outras estratégias. Já o **envolvimento no conflito** dos maridos encontra-se praticamente no meio de um círculo de todas as outras estratégias destrutivas de maridos e de esposas, aproximando-se mais das estratégias de **afastamento** e **envolvimento no conflito** das esposas do que das restantes.

A partir dessa análise mais detalhada, percebe-se que os estilos de resolução de conflitos dos filhos estão mais associados aos estilos das mães do que dos pais, tanto para estratégias construtivas quanto para destrutivas. No entanto, houve nítida diferenciação entre essas duas possibilidades de encaminhar os conflitos, o que sugere que em famílias em que o casal consegue utilizar em maior escala o estilo de resolução positiva, os filhos também são mais assertivos com seus pares. Como as distâncias na figura entre a estratégia de envolvimento no conflito dos homens e as estratégias destrutivas das esposas (envolvimento no conflito, afastamento e submissão) são muito similares, pode-se dizer que ela se associa a todas na mesma medida. Ou seja, não existe um padrão de estratégias utilizadas pela esposa quando o marido utiliza meios mais hostis de encaminhar os desentendimentos. Assim, pode-se inferir que o que modifica a estratégia adotada pela esposa quando o marido se envolve no conflito podem ser variáveis como características da personalidade, motivo gerador da oposição, dentre outras possibilidades de diferenças individuais.

A literatura internacional corrobora os resultados encontrados na associação entre as estratégias de encaminhar os conflitos de casais e de seus filhos (Reese-Weber & Bartle Haring, 1998), mas nem sempre na aproximação entre os estilos das crianças ou adolescentes com o das mães. Padrões de agressividade ou de satisfação conjugal do pai se relacionaram com níveis parecidos dos mesmos construtos nas relações amorosas dos filhos (Hare, Miga, & Allen, 2009). A exposição à hostilidade durante conflitos conjugais dos pais também se associou com ações hostis dos filhos ao lidarem com seus pares (Stocker & Richmond, 2007). Em estudo com uso do CRSI, houve correlação positiva entre os estilos de resolução positiva de casais e de seus filhos adolescentes, ocorrendo o mesmo para o estilo de envolvimento no conflito (Van-Doorn, Brange, & Meeus, 2007). Mais especificamente sobre a resolução positiva, assim como nos achados do presente estudo, Darling, et al. (2008) encontraram que casais com maiores níveis de coesão conjugal e outros comportamentos construtivos, e menores níveis de evitação, agressão verbal e negatividade, tinham filhos adolescentes que apresentavam comportamentos similares com seus parceiros.

Considerando que o conflito é inerente às relações humanas, sua existência por si só não é prejudicial para o desenvolvimento dos filhos. Inclusive, algumas formas de exposição podem ser até mesmo benéficas para a criança ou adolescente (Grych, 2012), já que ensinam boas maneiras de agir frente aos problemas. Esse é o caso do estilo de resolução positiva de

conflitos, que possibilita uma vivência construtiva a partir de situações conflituosas. Dessa forma, os resultados desse estudo reforçam os achados da literatura de que os filhos identificam a ocorrência de desentendimentos entre o par parental e que isso tem um impacto em seus sentimentos e atitudes na relação com seus pares. Fica evidente a associação entre a maneira como o casal encaminha seus conflitos e o aprendizado dos filhos sobre como agir ao vivenciar as próprias dificuldades. Ambos os resultados indicam a importância de otimizar as estratégias utilizadas pelos cônjuges ao enfrentar dificuldades conjugais para a manutenção de bons níveis de saúde e desenvolvimento da prole e de toda a família.

Considerações finais

O objetivo dessa pesquisa foi entender a ressonância do conflito conjugal na família, através de uma amostra composta por casais e seus filhos. A partir da compreensão circular de que os conflitos entre o casal não refletem somente características da díade conjugal, já que afetam o desenvolvimento dos filhos e também são influenciados pelas relações ocorridas na família, propuseram-se estratégias metodológicas multidimensionais para a compreensão dos fenômenos. Essa perspectiva também segue a tendência atual para o entendimento dos processos familiares (Benetti, 2006) percebendo-os em um padrão interativo, ao invés de buscar modelos de causa e efeito, considerando a retroalimentação (*feedback*) presente entre os elementos que constituem um sistema (Osorio, 2013). No caso dessa pesquisa, as estratégias de pais, mães e filhos interagem e se retroalimentam, sendo que todas podem ser vistas tanto como causa quanto como efeito umas das outras.

De forma geral, os casais da amostra demonstraram baixos níveis de conflito e maior uso de estratégias positivas de resolução. Houve similaridade na perspectiva de casais e de seus filhos, exceto na variável motivo do conflito. Tal achado pode indicar que o casal tenta evitar a exposição dos filhos quando os desentendimentos dizem respeito à intimidade conjugal. Encontrou-se, ainda, que as crianças e adolescentes, em sua maioria, não se sentem chamados a participar do conflito, embora a triangulação ainda seja um fenômeno presente em alguns casos. Sentimentos comuns aos filhos em contextos de conflito conjugal, como culpa e ameaça, estiveram presentes na amostra, principalmente quando os níveis de frequência, intensidade e triangulação eram mais altos.

Os filhos indicaram perceber o conflito conjugal na mesma intensidade e frequência em que ele de fato é reportado pelos casais, com algumas variações no sentimento que tal situação gera neles, de acordo com a idade e a maneira como se dão os desentendimentos. Essas associações entre as respostas de pais e filhos representam a permeabilidade entre os subsistemas parental e conjugal, demonstrando que o comportamento dos cônjuges e sua

forma de lidar com os conflitos conjugais são percebidos pelos filhos. Felizmente, para a amostra da presente pesquisa, o transbordamento do conflito conjugal para o comportamento dos filhos parece se referir principalmente às estratégias positivas de resolução de conflito. No entanto, uma parcela de casais e de filhos indicaram comportamentos negativos bastante intensos entre os cônjuges durante as brigas, o que revela a importância de investir em maior conscientização da população sobre as diferentes possibilidades na vivência de conflitos conjugais (Mosmann & Falcke, 2011).

O efeito *spillover* pode ter diferentes consequências, principalmente quando encaminhado de maneira destrutiva (Cummings & Davies, 2010). Nestas ocasiões, aparecem sintomas de ansiedade e depressão, problemas de comportamento em casa e na escola, além de dificuldades para regular as próprias emoções e para desenvolver uma relação de apego seguro com seus pais (Benson, Buehler, & Jerard, 2008). Já está comprovado também que crianças que sofrem com agressividade por parte da mãe, tendem a ser mais agressivas (Doh et al., 2012). Esses impactos indicam que a compreensão das estratégias utilizadas pelos casais na vivência de seus conflitos tem grande importância para todo o núcleo familiar.

No que se refere aos estilos de resolução de conflitos, os participantes demonstraram similaridade entre os membros da família quanto às formas de encaminhar seus desentendimentos, evidenciando o importante papel parental como um modelo que é seguido pela prole. Também foi observada uma maior relação entre as estratégias dos filhos com suas mães. É possível que isso indique que as ações da mãe têm um papel mais direto no aprendizado das crianças e adolescentes de como lidar com suas dificuldades. Houve, contudo, uma associação entre os estilos de maridos e de esposas. Essa reciprocidade entre os cônjuges pode reverberar também nos estilos dos filhos do casal, considerando o fenômeno de retroalimentação presente em sistemas familiares – o que enfatiza o peso dos comportamentos de ambos os cônjuges para o desenvolvimento da prole.

Assim, entende-se que os achados do presente trabalho caracterizam importante contribuição para a pesquisa sobre o conflito conjugal e a família com amostras brasileiras. A importância de conscientizar os casais sobre a existência do *spillover* vai para além da conjugalidade, como já visto, pois afeta todo o sistema familiar. Esses dados indicam a necessidade de um olhar integrado da família, tanto como objeto de pesquisa como de intervenção.

Embora o conflito conjugal aparentemente pertença apenas ao casal, é preciso desmistificar tal crença e esclarecer tanto profissionais quanto famílias a respeito do impacto que ele pode ter nas relações familiares e no desenvolvimento dos filhos. Dessa forma, o presente estudo reforça a produção científica que afirma o valor do manejo adequado das

oposições entre os cônjuges para a saúde da família enquanto sistema.

Algumas limitações dessa pesquisa precisam ser consideradas. A amostra foi exclusivamente da região sul do país e selecionada por critério de conveniência, necessitando de replicação em amostras mais diversificadas para permitir a generalização dos resultados. Quanto aos instrumentos, que foram traduzidos especificamente para esta pesquisa, sugere-se que sejam validados para a população brasileira em estudos futuros, de forma a melhorar os coeficientes *alpha de cronbach* e a compreensão dos itens na população brasileira. A escolha por duas escalas diferentes para casais e para as crianças e adolescentes dificultou a realização das análises, mas não foi um empecilho para que o objetivo fosse atingido.

É importante que novos estudos também busquem um entendimento circular dos fenômenos na família, que envolva a perspectiva de pelo menos mais de um membro do núcleo familiar e métodos mais complexos como o da análise diádica, por exemplo. Além da escassez de literatura no Brasil, o foco ainda é na avaliação individual dos membros da família, ao invés de incluir díades ou tríades nas amostras (Hameister et al, no prelo). Ainda, sugere-se que outras variáveis sejam incluídas nas análises, como dados sobre a parentalidade (práticas parentais, qualidade do relacionamento progenitores-filhos) e outros referentes à conjugalidade (satisfação conjugal, tempo de casamento, tipo de apego entre os cônjuges e características individuais dos cônjuges).

Referências

- Ablow, J. C., Measelle, J. R., Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2009). Linking marital conflict and children's adjustment: the role of young children's perceptions. *Journal of Family Psychology*, 23(4), 485–499. doi: 10.1037/a0015894.
- Amato, P. R. & Afifi, T. D. (2006). Feeling caught between parents: adult children's relations with parents and subjective well-being. *Journal of Marriage and Family*, 68, 222–235.
- Atkinson, E. R., Dadds, M. R., Chipuer, H. & Dawe, S. (2009). Threat is a multidimensional construct: exploring the role of children's threat appraisals in the relationship between interparental conflict and child adjustment. *J Abnorm Child Psychol*, 37, 281–292. doi:10.1007/s10802-008-9275-z.
- Baptista, M., Cardoso, H. & Gomes, J. (2012). Intergeracionalidade familiar. In: Baptista, M. & Teodoro, M. (Eds.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. (pp. 16-26). Porto Alegre: Artmed.
- Benetti, S.P.C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 261-268.

- Benson, M. J., Buehler, C., & Jerard, J. M. (2008). Interparental hostility and early adolescent problem behavior. *Journal of Early Adolescence*, 28(3), 428-454. doi: 10.1177/0272431608316602.
- Bolsoni-Silva, A. & Marturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamento e habilidades sociais de pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (1), 67-75.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (2), 151-161.
- Buehler, C. & Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescents' maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64 (1), 78-93.
- Buehler, C. & Welsh, D. P. (2009). A process model of adolescents' triangulation into parents' marital conflict: the role of emotional reactivity. *Journal of family psychology*, 23(2), 167-180. doi: 10.1037/a0014976.
- Carlson, M. J., Pilkauskas, N. V., Mc Lanahan, S. S., & Brooks-Gunn, J. (2011). Couples as partners and parents over children's early years. *Journal of Marriage and Family*, 73, 317-334. doi: 10.1111/j.1741-3737.2010.00809.x.
- Cummings, E. M. & Davies, P. T. (2010). *Marital conflict and children: an emotional security perspective*. New York: The Guilford Press.
- Cummings, E., Goeke-Morey, M. C., & Papp, L. M. (2012). Couple conflict, children, and families: it's not just you and me, babe. In: Booth, A., Crouter, A.C, & Clementes, M. (Eds). *Couples in conflict*. (pp. 117-149). New York: Psychology Press.
- Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C. & Papp, L. M. (2004). Everyday marital conflict and child aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 191-202. doi: 0091-0627/04/0400-0191/0
- Darling, N., Cohan, C. L., Burns, A. & Thompson, L. (2008). Within-family conflict behaviors as predictors of conflict in adolescent romantic relations. *Journal of Adolescence*, 31, 671-690. doi:10.1016/j.adolescence.2008.10.003.
- Deluty, R. H. (1979). Children's Action Tendency Scale: a self-report measure of aggressiveness, assertiveness, and submissiveness in children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47 (6), 1061-1071.
- Doh, H., Shin, N., Kim, M. J., Hong, J. S, Choi, M., & Kim, S. (2012). Influence of marital conflict on young children's aggressive behavior in South Korea: the mediating role of child maltreatment. *Children and Youth Services Review*, 34, 1742-1748. doi:10.1016/j.chilyouth.2012.05.008.

- Erath, S. A. & Bierman, K. L. (2006). Aggressive marital conflict, maternal harsh punishment, and child aggressive-disruptive behavior: evidence for direct and mediated relations. *Journal of Family Psychology, 20* (2), 217–226. doi: 10.1037/0893-3200.20.2.217.
- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108.
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Kan, M. L., & Goslin, L. C. (2010). Effects of family foundations on parents and children: 3.5 years after baseline. *Journal of Family Psychology, 24* (5), 532–542. doi: 10.1037/a0020837.
- Fincham, F. D. (2003). Marital conflict: correlates, structure and context. *Current Directions in Psychological Science, 12*(23), 23-27. doi: 10.1111/1467-8721.01215.
- Fincham, F. D. (2009). *Marital conflict. Encyclopedia of Human Relationships, 1*, (pp. 298-303). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Koss, K. J., George, M. R. W., Bergman, K. N., Cummings, E. M., Davies, P. T. & Cicchetti, D. (2011). Understanding children's emotional processes and behavioral strategies in the context of marital conflict. *Journal of Experimental Child Psychology, 109*, 336–352 doi:10.1016/j.jecp.2011.02.007.
- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology, 16*, 649–665. doi: 10.1017/S0954579404004717.
- Goulart, V. R. & Wagner, A. (2013). Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 65* (3), 392-408.
- Grych, J. H., Seid, M. & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict from the child's perspective: the children's perception of Interparental Conflict Scale. *Child Development, 63*, 558-572.
- Grych, J. H. & Fincham, J. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: a cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*, 267-290.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. 6 ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hameister, B. R, Barbosa, P. V., & Wagner, A. (no prelo). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito *spillover*.
- Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational transmission of aggression in romantic relationships: the moderating role of attachment security. *Journal of Family Psychology, 23*(6), 808–818. doi: 10.1037/a0016740. Kurdek, L.A. (1994). Conflict

- resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 705-722.
- Kurdek, L.A. (1994). Conflict resolution styles in gay, lesbian, heterosexual nonparent, and heterosexual parent couples. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 705- 722.
- Lee, W. Y., Ng, M., Cheung, B. K.L., & Wayung, J. (2010). Capturing children's response to parental conflict and making use of it. *Family Process*, 49(1), 43–58.
- Leme, M. I. S. (2004). Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 367-380.
- Lindahl, K. M., & Malik, N. M. (2011). Marital conflict typology and children's appraisals: the moderating role of family cohesion. *Journal of Family Psychology*, 25 (2), 194–201. doi: 10.1037/a0022888.
- Mc Coy, C., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial Behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 270–279. doi: doi:10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x.
- Mosmann, C. (2007). A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Retirado de http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/20/TDE-2007-07-02T123159Z-720/Publico/391609.pdf.
- Mosmann, C. & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*. 12 (2), 5-16.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Sarriera, J. C. (2008). A qualidade conjugal como preditora dos estilos educativos parentais: o perfil discriminante de casais com filhos adolescentes. *Psicologia (Lisboa)*, 22, 161-182.
- Musick, K. & Meier, A. (2010). Are both parents always better than one? Parental conflict and young adult well-being. *Society Scientific Research*., 39(5), 814–830. doi: 10.1016/j.ssresearch.2010.03.002.
- Osorio, L. C. (2013). *Como trabalhar com sistemas humanos: grupos/casais e famílias/empresas*. Porto Alegre: Artmed.
- Reese-Weber, M. & Kahn, J. H. (2005). Familial predictors of sibling and romantic-partner conflict resolution: comparing late adolescents from intact and divorced families. *Journal of Adolescence*, 28, 479 - 493. doi: 10.1016/j.adolescence.2004.09.004
- Reese-Weber, M. & Bartle-Haring, S. (1998). Conflict resolution styles in family subsystems and adolescent romantic relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 27 (6), 735-

752.

- Richmond, M. K. & Stocker, C. M. (2007). Changes in children's appraisals of marital discord from childhood through adolescence. *Journal of Family Psychology, 21* (3), 416–425, doi: 10.1037/0893-3200.21.3.416.
- Schermerhorn, A. C., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2005). Children's perceived agency in the context of marital conflict: relations with marital conflict over time. *Merrill-Palmer Quarterly, 51* (2), 121-144.
- Richmond, M. K. & Stocker, C. M. (2003). Siblings' differential experiences of marital conflict and differences in psychological adjustment. *Journal of Family Psychology, 17* (3), 339–350. doi: 10.1037/0893-3200.17.3.339.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L. & Moré, C. L. (2011). Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: uma revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 63* (3), 89-106.
- Van-Doorn, M. E., Brange, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2007). Longitudinal transmission of conflict resolution styles from marital relationships to adolescent–parent relationships. *Journal of Family Psychology, 21* (3), 426–434. doi: 10.1037/0893-3200.21.3.426.
- Yu, J. J. & Gamble, W. C. (2008). Pathways of influence: marital relationships and their association with parenting styles and sibling relationship quality. *J Child Fam Stud 17*, 757–778. doi 10.1007/s10826-008-9188-z.

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre família implica, necessariamente, em falar sobre as relações existentes entre seus membros. Estas envolvem, além das características pessoais de cada familiar, os mitos, segredos, rotinas e comportamentos compartilhados pelos componentes do sistema. Assim, pesquisar sobre o conflito entre o casal e suas reverberações na família tem inúmeros desafios, como, por exemplo, encontrar a melhor maneira de representar a multiplicidade desse contexto – a visão da esposa e do marido; a relação de ambos frente aos desentendimentos; a exposição dos filhos e os sentimentos resultantes de tal situação.

Em uma tentativa de melhor compreender este complexo fenômeno, foram realizados dois estudos. A organização do estudo em um momento teórico e outro empírico foi fundamental para o melhor desenvolvimento do trabalho. Entender primeiramente que o conflito tem um caráter de dualidade, ou seja, pode ser tanto construtivo quanto destrutivo, com base na forma como é vivido por seus integrantes, facilitou a análise dos dados, posteriormente. Embora já fosse esperado que as famílias se dividissem entre aquelas que utilizam estratégias construtivas de um lado e destrutivas de outro, foi surpreendente perceber a associação de todas as estratégias destrutivas entre si, caracterizando um padrão de retroalimentação do sistema.

No senso comum, os conflitos muitas vezes são vistos como algo maléfico, que prejudica as relações e que leva ao sofrimento de todos aqueles que o vivenciam. Outra crença comum é a de que os filhos não são impactados pelas brigas de seus pais caso estas não ocorram na sua frente. No entanto, a partir desta dissertação foi possível perceber que nem sempre os conflitos são prejudiciais para a família, pois é principalmente através da vivência deles que os filhos aprendem a lidar com os próprios problemas. Assim, quanto melhor o casal conseguir reagir frente as suas oposições, com uso de boa comunicação, respeito e afeto, melhor a ressonância que elas terão no desenvolvimento da prole.

Já se o casal fizer uso de estratégias destrutivas para encaminhar seus conflitos, o resultado pode não ser tão positivo. As consequências dessas formas de relacionamento no ajustamento das crianças geralmente aparecem através de sintomas comportamentais, em interações na família e/ou na escola. Nessas situações, é comum que as características do subsistema conjugal não sejam pensadas como um dos fatores envolvidos nas atitudes da criança.

Dadas tais considerações, duas principais conclusões se destacam: a primeira delas é a de que os filhos estão cientes do conflito conjugal, o que faz com que ele ocupe um espaço em

toda a família, e não apenas como um segredo entre o casal. Isso reforça a necessidade de otimização da comunicação entre os membros do sistema familiar para que bons níveis de saúde sejam mantidos. A segunda se refere à clareza com que se diferenciam os estilos construtivos e destrutivos de resolução de conflito nas famílias estudadas, comprovando a importância de os casais investirem na própria relação, buscando comunicação baseada no respeito e afeto mesmo em momentos difíceis, para o desenvolvimento de seus filhos. Tais achados enfatizam a necessidade de aliar a pesquisa com a prática profissional. Estruturar intervenções que comprovem, com dados científicos, os benefícios de investir na qualidade conjugal pode reverberar na transmissão de modelos familiares mais saudáveis, baseados no enfrentamento construtivo das adversidades inerentes às relações familiares.

Isso enfatiza a necessidade de que pessoas que trabalham com famílias se empoderem de tal conhecimento para fundamentar suas intervenções, fortalecendo o elo entre a pesquisa e a prática. Se os profissionais conseguirem traduzir de maneira acessível em suas trocas com os casais o significado da natureza bidirecional das relações entre a prole e o par parental, podem motivar esses pais a melhorarem suas táticas ao lidar com suas situações conflituosas. A ideia de que é possível administrar os conflitos, modificar as estratégias e aprender habilidades pode ser útil em outros contextos de promoção de saúde, além da terapia de casal.

Há registros de sucesso em programas de intervenção com casais, voltados a educar sobre o conflito para interferir positivamente na parentalidade e no desenvolvimento dos filhos (Faircloth & Cummings, 2008; Feinberg, Jones, Kan, & Goslin, 2010). Assim, uma possibilidade de educar os casais é chegar neles através das crianças, nas escolas ou em outros contextos frequentados por famílias. Ao invés de o foco das intervenções estar em diminuir a quantidade e a exposição aos conflitos ou em incentivar a evitação de temas conflituosos, devem-se ensinar estratégias mais construtivas de resolução, que diminuam o impacto negativo da exposição da prole a tais situações. Trabalhos de prevenção podem se basear na compreensão de que é possível que conflitos se associem com o desenvolvimento saudável das crianças, desde que bem manejados. A possibilidade de os profissionais conscientizarem os casais sobre os benefícios da resolução construtiva de seus conflitos é uma abordagem adequada, já que orientações sobre o que se deve fazer podem ser mais efetivas do que sobre o que se deve evitar (Mc Coy, Cummings, & Davies, 2009).

REFERÊNCIAS

- Erel, O. & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *118*(1), 108-132. doi: 10.1037/0033-2909.118.1.108.
- Faircloth, W. B. & Cummings, E. M. (2008). Evaluating a parent education program for preventing the negative effects of marital conflict. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *29*, 141–156. doi: 10.1016/j.appdev.2007.12.004.
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Kan, M. L., & Goslin, L. C. (2010). Effects of family foundations on parents and children: 3.5 years after baseline. *Journal of Family Psychology*, *24*(5), 532–542. doi: 10.1037/a0020837.
- Mc Coy, C., Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2009). Constructive and destructive marital conflict, emotional security and children's prosocial Behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *50*(3), 270–279. doi: 10.1111/j.1469-7610.2008.01945.x.

ANEXOS

Anexo A: Questionário Feminino

QUESTIONÁRIO CASAL FEMININO

Nossa pesquisa busca compreender como os membros do casal se relaciona entre si, que tipo de conflitos enfrenta mais frequentemente e quais as estratégias utiliza para resolvê-los. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, seja sincera, tuas respostas são muito importantes para nós. Tuas opiniões ficarão em sigilo.

1. Idade: _____ anos.

2. Situação conjugal: () Casada oficialmente () Morando juntos/união estável

3. Há quanto tempo estás com o atual
cônjuge? _____

4. Tu já foste casada ou viveu como casal anteriormente? () Sim ---» Tempo de
união: _____

() Não

5. Escolaridade:

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| () Sem Escolaridade | () Ensino Superior Incompleto |
| () Ensino Fundamental Incompleto | () Ensino Superior Completo |
| () Ensino fundamental Completo | () Pós- Graduação Incompleta |
| () Ensino Médio Incompleto | () Pós- Graduação Completa |
| () Ensino Médio Completo | |

6. Tu exerces alguma atividade remunerada? () Não () Sim ---» Há quanto tempo?

7. A tua atividade exige que formação?

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| () Sem Escolaridade | () Ensino Superior Incompleto |
| () Ensino Fundamental Incompleto | () Ensino Superior Completo |
| () Ensino fundamental Completo | () Pós- Graduação Incompleta |
| () Ensino Médio Incompleto | () Pós - Graduação Completa |
| () Ensino Médio Completo | |

8. Quantas horas por dia, aproximadamente, tu te dedicas a essa atividade?

9. Informações sobre seus Filhos:

| Sexo | Idade | Moram contigo | |
|----------------------------|-------|---------------|---------|
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |

10. Informações sobre outras pessoas que moram contigo (diferentes de filho(a) e marido).

| Grau de parentesco | Sexo | Idade |
|--------------------|----------------------------|-------|
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |

11. Para fins de pesquisa, por favor, marque qual a tua renda pessoal:

- () Não tenho renda pessoal () De 7 a 9 salários mínimos
() De 1 a 3 salários mínimos () 10 ou mais salários mínimos
() De 4 a 6 salários mínimos

12. Tu já fizeste algum tipo de psicoterapia? () Não () Sim

13. Se sim, qual (is)?

- () Individual
() Casal
() Familiar
() Grupo
() Outra

14. Por quanto tempo? _____

15. Qual o motivo principal para a busca de psicoterapia?

16. Qual a sua religião?

Católica

Evangélica

Protestante

Espírita

Outra --- » Qual ?

Sem religião

17. O quanto você se considera praticante?

| Nada | Pouco | Nem muito e nem pouco | Muito |
|------|-------|-----------------------|-------|
| (0) | (1) | (2) | (3) |
| | | | |

QUESTIONÁRIO SOBRE RELACIONAMENTO CONJUGAL

A lista abaixo é composta de assuntos sobre os quais os casais podem discordar. Pensando na tua relação conjugal no último ano, marque com um X a frequência que tu tiveste desentendimentos/conflitos/discussões com relação aos seguintes temas:

| | Quase Nunca (1) | Uma vez ao mês ou menos (2) | Diversas vezes ao mês (3) | Quase uma vez por semana (4) | Diversas vezes por semana (5) | Quase todos os dias (6) |
|--|--------------------|--------------------------------|------------------------------|---------------------------------|----------------------------------|----------------------------|
| 1. Tarefas domésticas | | | | | | |
| 2. Dinheiro | | | | | | |
| 3. Tempo que vocês têm para ficarem juntos | | | | | | |
| 4. Sexo | | | | | | |
| 5. Filhos | | | | | | |
| 6. Questões legais (crédito, bens, contratos, etc) | | | | | | |

Existem várias maneiras de um casal lidar com conflitos/ discussões /desentendimentos sérios. Quando tu tens um conflito/ discussão/ desentendimento sério com teu cônjuge, com que frequência tu:

| | Nunca (1) | Raramente (2) | Algumas vezes (3) | Frequentemente (4) | Sempre (5) |
|--|--------------|------------------|----------------------|-----------------------|---------------|
| 1. Discutes calmamente? | | | | | |
| 2. Discutes intensamente ou grita? | | | | | |
| 3. Acabas batendo ou atirando coisas no outro? | | | | | |

Quando eu tenho discussões ou desentendimentos com meu cônjuge eu...

A partir da frase acima, marque com um X a frequência com que tu lidas com as discussões e desentendimentos que tens com teu cônjuge:

| | Nunca (1) | Raramente (2) | Às vezes (3) | Frequentemente (4) | Sempre (5) |
|---|--------------|------------------|-----------------|-----------------------|---------------|
| 1. Faço ataques pessoais. | | | | | |
| 2. Encaro o problema em questão. | | | | | |
| 3. Fico em silêncio por um longo período de tempo. | | | | | |
| 4. Não consigo defender meu ponto de vista. | | | | | |
| 5. Explodo e perco o controle. | | | | | |
| 6. Sento e discuto as diferenças de uma forma construtiva. | | | | | |
| 7. Chego num limite, me fecho e me nego a continuar conversando. | | | | | |
| 8. Sou muito compreensiva. | | | | | |
| 9. Sou levada pelo momento e digo coisas que não queria ter dito. | | | | | |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| 10. Encontro alternativas que sejam aceitáveis para cada um de nós. | | | | | |
| 11. Mando sair de perto de mim. | | | | | |
| 12. Não defendo meu ponto de vista. | | | | | |
| 13. Insulto e brigo. | | | | | |
| 14. Negocio e tento um acordo. | | | | | |
| 15. Retraio-me, fico distante e indiferente. | | | | | |
| 16. Desisto rápido depois de ter tentado expor meu ponto de vista. | | | | | |

Muito obrigado por participar!

Anexo B: Questionário Masculino

QUESTIONÁRIO CASAL MASCULINO

Nº _____

Nossa pesquisa busca compreender como os membros do casal se relaciona entre si, que tipos de conflitos enfrentam mais freqüentemente e quais as estratégias utilizam para resolvê-los. Não há respostas certas ou erradas. Por favor, seja sincero, tuas respostas são muito importantes para nós. Tuas opiniões ficarão em sigilo.

1. Idade: _____anos.
2. Situação conjugal: () *Casado oficialmente* () *Morando juntos/união estável*
3. Há quanto tempo tu estás com a atual cônjuge? _____
4. Tu já foste casado ou viveu como casal anteriormente? () *Sim---*» Tempo de união _____
() *Não*
5. Escolaridade:

| | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| () Sem Escolaridade | () Ensino Superior Incompleto |
| () Ensino Fundamental Incompleto | () Ensino Superior Completo |
| () Ensino Fundamental Completo | () Pós -Graduação Incompleta |
| () Ensino Médio Incompleto | () Pós - Graduação Completa |
| () Ensino Médio Completo | |
6. Tu exerces alguma atividade remunerada? () *Não* () *Sim---*» Há quanto tempo? _____
7. Atua atividade exige que formação?

| | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| () Sem Escolaridade | () Ensino Superior Incompleto |
| () Ensino Fundamental Incompleto | () Ensino Superior Completo |

- () Ensino fundamental Completo () Pós - Graduação Incompleta
- () Ensino Médio Incompleto () Pós - Graduação Completa
- () Ensino Médio Completo

8. Quantas horas por dia, aproximadamente, tu te dedicas a essa atividade?

9. Informações sobre Filhos:

| Sexo | Idade | Moram contigo | |
|----------------------------|-------|---------------|---------|
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |
| () Feminino () Masculino | | () Sim | () Não |

10. Informações sobre outras pessoas que moram contigo (diferentes de filho(a) e esposa).

| Grau de parentesco | Sexo | Idade |
|--------------------|----------------------------|-------|
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |
| | () Feminino () Masculino | |

11. Para fins de pesquisa, por favor, marque qual a tua renda pessoal:

- () Não tenho renda pessoal () De 7 a 9 salários mínimos

De 1 a 3 salários mínimos 10 ou mais salários mínimos

De 4 a 6 salários mínimos

12. Tu já fizeste algum tipo de psicoterapia(Não Sim

13. Se sim, qual (is)?

Individual

Casal

Familiar

Grupo

Outra

14. Por quanto tempo? _____

15. Qual o motivo principal para a busca de psicoterapia? _____

16. Qual a sua religião?

Católica

Evangélica

Protestante

Espírita

Outra --- » Qual

? _____

Sem religião

17. O quanto você se considera praticante?

| | | | |
|-------------|--------------|------------------------------|--------------|
| Nada | Pouco | Nem muito e nem pouco | Muito |
| (0) | (1) | (2) | (3) |
| | | | |

QUESTIONÁRIO SOBRE RELACIONAMENTO CONJUGAL

A lista abaixo é composta de assuntos sobre os quais os casais podem discordar. Pensando na tua relação conjugal no último ano, marque com um X a frequência que tu tiveste desentendimentos/conflitos/discussões com relação aos seguintes temas:

| | Quase Nunca (1) | Uma vez ao mês ou menos (2) | Diversas vezes ao mês (3) | Quase uma vez por semana (4) | Diversas vezes por semana (5) | Quase todos os dias (6) |
|--|----------------------------------|--|----------------------------------|---|--|--|
| 1. Tarefas domésticas | | | | | | |
| 2. Dinheiro | | | | | | |
| 3. Tempo que vocês têm para ficarem juntos | | | | | | |
| 4. Sexo | | | | | | |
| 5. Filhos | | | | | | |
| 6. Questões legais (crédito, bens, contratos, etc) | | | | | | |

Existem várias maneiras de um casal lidar com conflitos/discussões/desentendimentos sérios. Quando tu tens um conflitos/discussões/desentendimentos sério com teu cônjuge, com que frequência tu:

| | Nunca (1) | Raramente (2) | Algumas vezes (3) | Frequentemente (4) | Sempre (5) |
|--|----------------------------|--------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|
| 1. Discutes calmamente? | | | | | |
| 2. Discutes intensamente ou grita? | | | | | |
| 3. Acabas batendo ou atirando coisas no outro? | | | | | |

Quando eu tenho discussões ou desentendimentos com meu cônjuge eu...

A partir da frase acima, marque com um X a frequência com que tu lidas com as discussões e desentendimentos que tens com teu cônjuge:

| | Nunca (1) | Raramente (2) | Às vezes (3) | Frequentemente (4) | Sempre (5) |
|---|--------------|------------------|-----------------|-----------------------|---------------|
| 1. Faço ataques pessoais. | | | | | |
| 2. Encaro o problema em questão. | | | | | |
| 3. Fico em silêncio por um longo período de tempo. | | | | | |
| 4. Não consigo defender meu ponto de vista. | | | | | |
| 5. Explodo e perco o controle. | | | | | |
| 6. Sento e discuto as diferenças de uma forma construtiva. | | | | | |
| 7. Chego num limite, me fecho e me nego a continuar conversando. | | | | | |
| 8. Sou muito compreensivo. | | | | | |
| 9. Sou levado pelo momento e digo coisas que não queria ter dito. | | | | | |
| 10. Encontro alternativas que sejam aceitáveis para cada um de nós. | | | | | |
| 11. Mando sair de perto de mim. | | | | | |
| 12. Não defendo meu ponto de vista. | | | | | |
| 13. Insulto e brigo. | | | | | |
| 14. Negocio e tento um acordo. | | | | | |
| 15. Retraio-me, fico distante e indiferente. | | | | | |
| 16. Desisto rápido depois de ter tentado expor meu ponto de vista. | | | | | |

Muito obrigado por participar!

10. Quando teus pais brigam, com que frequência acontecem as situações abaixo:

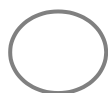
| | Nunca | Raramente | Algumas vezes | Frequentemente | Sempre |
|---|-------|-----------|---------------|----------------|--------|
| a. Discutem calmamente? | | | | | |
| b. Discutem intensamente ou gritam? | | | | | |
| c. Acabam batendo ou atirando coisas um no outro? | | | | | |

11. Quando teus pais se desentendem, qual(is)o(s) motivo(s) mais comuns da briga? _____

12. Quando teus pais brigam, o que acontece? Marque quantas quiser:

- Me chamam para participar da briga;
- Me mandam para o quarto;
- Mandam meu(s)irmão(s) para o quarto;
- Brigam na minha frente;
- Brigam na frente dos meus irmãos;
- Perguntam minha opinião;
- Brigam na frente de outras pessoas;
- Brigam na frente de outros familiares;
- Brigam em lugares públicos;
- Um fala mal do outro pra mim;
- Algumas pessoas da família ficam do lado do pai ou da mãe.

Em todas as famílias existem momentos em que os pais se desentendem. Nós gostaríamos que tu nos disesses o que **pensa ou sente** quando teus pais **brigam ou discutem**. Marca com um X aquela resposta que melhor demonstra o teu sentimento, conforme a legenda abaixo:



Falso

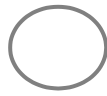


Mais ou menos verdadeiro

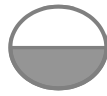


Verdadeiro

| | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Eu nunca vi meus pais discutindo ou brigando. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 2. Quando meus pais têm uma discussão, eles normalmente conseguem resolvê-la. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 3. Meus pais freqüentemente começam uma discussão por causa das coisas que eu faço no colégio. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 4. Quando meus pais discutem é porque um deles teve um dia ruim. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 5. Meus pais ficam muito brabos quando eles discutem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 6. Quando meus pais discutem, eu consigo fazer alguma coisa para me sentir melhor. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 7. Eu fico assustado (a) quando meus pais discutem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 8. Eu me sinto no meio dos dois quando meus pais brigam. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 9. Eu sinto ser o (a) culpado (a) pelas brigas dos meus pais. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 10. Eles talvez pensem que eu não saiba, mas meus pais brigam e discutem bastante. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 11. Mesmo depois de pararem de discutir, meus pais ficam de mal um com o outro. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 12. Quando meus pais discutem, normalmente é por causa de seus próprios problemas. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 13. Meus pais brigam porque eles não estão felizes juntos. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 14. Quando meus pais têm um desentendimento, eles discutem sem brigar. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 15. Eu não sei o que fazer quando meus pais discutem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 16. Meus pais estão freqüentemente irritados um com o outro mesmo quando eu estou por perto. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 17. Quando meus pais discutem, eu me preocupo com o que irá acontecer comigo. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 18. Quando meus pais discordam, não sinto que eu tenha que ficar do lado de um ou do outro. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 19. Normalmente é minha culpa quando os meus pais discutem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 20. Eu freqüentemente vejo ou escuto meus pais discutindo ou brigando. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |



Falso

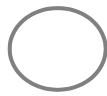


Mais ou menos verdadeiro

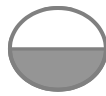


Verdadeiro

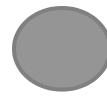
| | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 21. Quando meus pais discordam sobre alguma coisa, normalmente eles chegam a uma solução. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 22. As brigas dos meus pais normalmente são sobre coisas que eu fiz. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 23. Os motivos pelos quais meus pais discutem nunca mudam. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 24. Quando meus pais discutem, eles normalmente dizem coisas ruins um para o outro. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 25. Quando meus pais discutem ou se desentendem, eu normalmente consigo ajudar a melhorar as coisas. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 26. Quando meus pais discutem, eu fico com medo que alguma coisa ruim aconteça. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 27. Minha mãe quer que eu fique do lado dela quando ela e meu pai discutem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 28. Mesmo que eles não digam, eu sei que eu sou o (a) culpado (a) pelas brigas deles. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 29. Meus pais quase nunca brigam. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 30. Quando meus pais discutem, eles normalmente fazem as pazes em seguida. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 31. Meus pais freqüentemente brigam ou discutem por causa das coisas que eu faço. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 32. Meus pais brigam porque eles realmente não se amam. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 33. Quando meus pais discutem, eles gritam muito um com o outro. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 34. Quando meus pais brigam não existe nada que eu possa fazer para pará-los. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 35. Quando meus pais brigam, eu fico com medo que um deles se machuque. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 36. Quando meus pais discutem, eu sinto que tenho que ficar do lado de um deles. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 37. Meus pais implicam e reclamam um do outro pela casa. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 38. Meus pais quase nunca gritam quando eles discutem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 39. Meus pais quase sempre brigam quando eu faço alguma coisa errada. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 40. Meus pais já quebraram ou jogaram coisas durante uma discussão. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 41. Depois que meus pais param de discutir, eles ficam de bem um com o outro. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 42. Quando meus pais discutem, tenho medo que eles acabem gritando comigo também. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 43. Meus pais me culpam quando eles brigam. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |



Falso



Mais ou menos verdadeiro



Verdadeiro

| | | | |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 44. O meu pai quer que eu fique do lado dele quando ele e a minha mãe brigam | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 45. Meus pais já se deram empurrões durante uma briga entre eles. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 46. Quando meus pais brigam ou discutem não há nada que eu possa fazer para me sentir melhor. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 47. Quando meus pais discutem eu me preocupo que eles acabem se divorciando. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 48. Meus pais ficam de mal depois de terem tido uma briga. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 49. Meus pais discutem porque eles não sabem se dar bem. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 50. Normalmente não é minha culpa quando meus pais brigam. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| 51. Quando meus pais discutem, eles não escutam nada do que eu digo. | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Gostaríamos de conhecer como as crianças e os jovens se comportam em algumas situações. Procura responder como tu reagirias se estivesse nas situações abaixo. Marca com um X a alternativa **a** ou **b** em cada par de respostas.

| |
|--|
| 1. Tu estás jogando um jogo com teus amigos. Tu tentas jogar o melhor possível, mas erra o tempo todo. Teus amigos começam a gozar de ti e te xingar de vários nomes. O que tu farias? |
| a. () Largaria o jogo e iria para casa. |
| b. () Bateria em quem está gozando mais. |
| a. () Falaria para parar porque eles não gostariam se fosse com eles. |
| b. () Largaria o jogo e iria para casa. |
| a. () Bateria em quem está gozando mais. |
| b. () Falaria para parar porque eles não gostariam se fosse com eles |
| 2. Tu e um amigo estão brincando na tua casa. Ele faz uma bagunça, mas teus pais colocam a culpa em ti e te castigam. O que tu farias? |
| a. () Arrumaria a bagunça. |
| b. () Pediria ajuda ao amigo para arrumar a bagunça. |
| a. () Não iria querer falar com meus pais no dia seguinte. |
| b. () Arrumaria a bagunça. |
| a. () Pediria ajuda ao amigo para arrumar a bagunça. |
| b. () Não iria querer falar com meus pais no dia seguinte. |
| 3. Um dia, antes de começar a aula, um amigo vem pedir para copiar o teu tema de casa. Diz que se tu não deixar ele vai dizer para todo mundo que tu és muito egoísta. O que tu farias? |
| a. () Deixaria ele copiar. |
| b. () Diria que fizesse sua própria lição de casa. |
| a. () Falaria que ia contar para todo mundo que ele queria copiar a lição. |
| b. () Deixaria ele copiar. |

| |
|---|
| <p>a.() Diria que fizesse sua própria lição de casa.</p> <p>b.() Falaria que ia contar para todo mundo que ele queria copiar a lição.</p> |
| <p>4. Tu estás na fila do bar da escola. Vem um colega da tua idade e do teu tamanho e te empurra para fora da fila. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Empurraria o colega para fora da fila.</p> <p>b.() Diria: “Tu não tem direito de fazer isso”.</p> |
| <p>a.() Iria para o fim da fila.</p> <p>b.() Empurraria o colega para fora da fila.</p> |
| <p>a.() Diria: “Tu não tem direito de fazer isso”.</p> <p>b.() Iria para o fim da fila.</p> |
| <p>5. Tu emprestas teu livro preferido para um amigo. Uns dias mais tarde ele devolve o livro, mas algumas páginas estão rasgadas, a capa está suja e amassada. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Perguntaria: “O que aconteceu?”.</p> <p>b.() Fingiria que não viu.</p> |
| <p>a.() Xingaria o amigo.</p> <p>b.() Perguntaria: “O que aconteceu?”.</p> |
| <p>a.() Fingiria que não viu.</p> <p>b.() Xingaria o amigo.</p> |
| <p>6. Tu estás saindo da escola. Uma criança menor que tu joga uma bola bem na tua cabeça. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Bateria na criança.</p> <p>b.() Não faria nada.</p> |
| <p>a.() Diria para a criança que é muito perigoso jogar coisas na cabeça dos outros.</p> <p>b.() Bateria na criança.</p> |
| <p>a.() Não faria nada.</p> <p>b.() Diria para a criança que é muito perigoso jogar coisas na cabeça dos outros.</p> |
| <p>7. Tu vêes alguns colegas jogando um jogo. Vai até lá e pede para entrar no jogo. Eles dizem que não porque tu não jogas bem. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Iria embora, sentindo-me magoado.</p> <p>b.() Atrapalharia o jogo para que não pudessem jogar.</p> |
| <p>a.() Pediria para te darem uma chance.</p> <p>b.() Iria embora, sentindo-me magoado.</p> |
| <p>a.() Atrapalharia o jogo para que não pudessem jogar.</p> <p>b.() Pediria para te darem uma chance.</p> |
| <p>8. Tu estás vendo um programa realmente ótimo na TV. Bem no meio deles teus pais dizem que é hora de dormir e desligam a TV. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Gritaria: “Eu não quero”.</p> <p>b.() Prometeria ir dormir cedo no dia seguinte se te deixassem dormir mais tarde para ver o programa.</p> |
| <p>a.() Começaria a chorar.</p> <p>b.() Gritaria: “Eu não quero”.</p> |
| <p>a.() Prometeria ir dormir cedo no dia seguinte se me deixassem dormir mais tarde para ver o programa.</p> <p>b.() Começaria a chorar.</p> |
| <p>9. Tu estás lanchando no recreio. Um amigo está comendo um chocolate delicioso. Tu pedes para te dar só um, mas ele diz: “Não”. O que tu farias?</p> |

| |
|--|
| <p>a.() Ofereceria alguma coisa em troca do chocolate.</p> <p>b.() Xingaria o colega de não duro e egoísta.</p> |
| <p>a.() Esqueceria e continuaria lanchando.</p> |
| <p>a.() Xingaria o (a) colega de pão duro e egoísta.</p> <p>b.() Esqueceria e continuaria lanchando.</p> |
| <p>10. Um colega da tua classe fica falando que é muito mais inteligente do que tu. Mas tu tens certeza de que ele está errado e que tu és que é mais inteligente. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Mandaria calar a boca.</p> <p>b.() Sugeriria um jogo de perguntas um para o outro para ver quem é mais inteligente.</p> |
| <p>a.() Não ligaria e iria embora.</p> <p>b.() Mandaria calar a boca.</p> |
| <p>a.() Sugeriria um jogo de perguntas um para o outro para ver quem é mais inteligente.</p> <p>b.() Não ligaria e iria embora.</p> |
| <p>12. Tu e um colega estão jogando um jogo. Quem ganhar vai levar um prêmio legal. Tu tentas ao máximo, mas perde o jogo por um ponto. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Acusaria o colega de ter roubado.</p> <p>b.() Treinaria para ganhar da próxima vez.</p> |
| <p>a.() Iria para casa e choraria.</p> <p>b.() Acusaria o colega de ter roubado.</p> |
| <p>a.() Treinaria para ganhar da próxima vez.</p> <p>b.() Iria para casa e choraria.</p> |
| <p>12. Os teus pais fazem alguma coisa que te deixa chateado. Eles sabem disso, mas continuam fazendo. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Tentaria não dar bola.</p> <p>b.() Falaria que estão-me chateando.</p> |
| <p>a.() Faria alguma coisa que os deixasse chateados.</p> <p>b.() Tentaria não dar bola.</p> |
| <p>a.() Falaria que estão me chateando.</p> <p>b.() Faria alguma coisa que os deixasse chateados.</p> |
| <p>13. Tu estás brincando com um amigo na tua casa e estão fazendo bastante barulho. Teus pais ficam muito brabos e começam a gritar contigo por causa do barulho. O que tu farias?</p> |
| <p>a.() Diria: “Desculpe, mas não dá para jogar sem fazer barulho ”.</p> <p>b.() Não daria bola para os gritos deles e continuaria com o barulho.</p> |
| <p>a.() Procuraria outra coisa para fazer.</p> <p>b.() Diria: “Desculpe, mas não dá para jogar sem fazer barulho ”.</p> |
| <p>a.() Não daria bola para os gritos deles e continuaria com o barulho.</p> <p>b.() Procuraria outra coisa para fazer.</p> |



Anexo D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (casal)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “*Conjugalidade e parentalidade: estratégias de resolução de conflitos de pais e filhos*”. O objetivo é avaliar e compreender como os membros do casal se relacionam entre si, que tipos de conflitos enfrentam mais frequentemente e quais as estratégias que utilizam para resolvê-los. Nosso propósito é promover propostas que melhorem os níveis de saúde familiar. Considerando a relevância deste tema, sua colaboração é muito importante para nossa pesquisa.

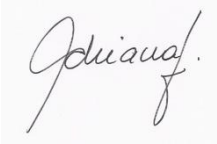
Solicitamos a sua participação, respondendo a um questionário que contém 186 perguntas com respostas objetivas. Todas as informações dadas por você serão tratadas confidencialmente. Ninguém poderá identificar a sua identidade no questionário, pois seu nome será mantido em sigilo. Como participante desta pesquisa, você poderá desistir de colaborar a qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para você. Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimentos antes de decidir.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi orientações sobre os procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minha decisão, se eu assim o desejar. A pesquisadora Dr^a. Adriana Wagner e sua equipe certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa são confidenciais e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa, se assim o desejar, a qualquer momento.

Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, poderei fazer contato direto com a equipe de pesquisa. Fui informado(a) que a responsável pela pesquisa é a Profa. Dra. Adriana Wagner, com a qual poderei entrar em contato pelo telefone (51) 3308-5322, em caso de dúvida.

Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600, Fone 3308-5066, aprovou esta pesquisa. Sei que os questionários aqui respondidos serão guardados de forma não identificável na sala da pesquisadora na rua Ramiro Barcelos, 2600/sala 126, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

| Nome | Assinatura do participante | Data |
|---|----------------------------|------|
|  | Adriana Wagner | / / |
| Nome | Assinatura do pesquisador | Data |

Anexo E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (filhos)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante,

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “*Conjugalidade e parentalidade: estratégias de resolução de conflitos de pais e filhos*”. O objetivo é avaliar e compreender como os membros do casal se relacionam entre si, que tipos de conflitos enfrentam mais frequentemente e quais as estratégias que utilizam para resolvê-los. Além disso, buscamos também estudar a percepção dos filhos sobre os conflitos de seus pais e conhecer que tipo de estratégias eles utilizam para resolver seus conflitos com seus amigos e progenitores. Nosso propósito é promover propostas que melhorem os níveis de saúde familiar, enfocando a relação entre pais e filhos, assim como a relação conjugal. Considerando a relevância deste tema, sua colaboração é muito importante para que possamos entender melhor esse funcionamento familiar.

Solicitamos a participação de seu(a) filho(a) para responder a um questionário que contém 82 perguntas com respostas objetivas. Todas as informações dadas por ele(a) serão tratadas confidencialmente. Ninguém poderá identificar a sua identidade no questionário, pois seu nome será mantido em sigilo. Como participante desta pesquisa, ele(a) poderá desistir de colaborar em qualquer momento, se assim o desejar, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro. Sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta ou pedir esclarecimentos antes de decidir.

Eu, _____,
responsável por _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebi orientações sobre os procedimentos envolvidos e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minha decisão, se eu assim o desejar. A pesquisadora Dr^a. Adriana Wagner e sua equipe certificaram de que todos os dados desta pesquisa são confidenciais e que terei liberdade de retirar meu consentimento para a participação de meu(a) filho(a) na pesquisa, quando quiser.

Caso tenha novas perguntas sobre este estudo, a responsável pela pesquisa é a Prof^a. Dr^a. Adriana Wagner, com a qual poderei entrar em contato pelo telefone (51) 3308-5322. Tendo qualquer dúvida, poderei fazer contato direto com a equipe de pesquisa.

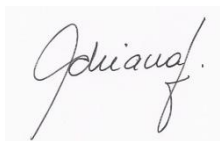
Estou ciente de que o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600, Fone 3308-5066, aprovou esta pesquisa. Sei que os

questionários aqui respondidos serão guardados de forma não identificável na sala da pesquisadora na rua Ramiro Barcelos, 2600/sala 126, pelo período de cinco anos.

Declaro que recebi cópia do presente termo de consentimento.

| Assinatura do responsável | Nome | Data |
|----------------------------------|-------------|-------------|
|----------------------------------|-------------|-------------|

| Assinatura do participante | Nome | Data |
|-----------------------------------|-------------|-------------|
|-----------------------------------|-------------|-------------|



Adriana Wagner

| Assinatura do pesquisador | Nome | Data |
|----------------------------------|-------------|-------------|
|----------------------------------|-------------|-------------|



Instituto de Psicologia

Rua Ramiro Barcelos, 2600 CEP 90035-003 Porto Alegre RS Tel. /Fax (051) 3316-5066

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25/2006-58

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2009040

Título do Projeto:

Conjugalidade e parentalidade: estratégias de resolução de conflitos de pais e filhos

Pesquisador(es):

Adriana Wagner
Tamara de Andrade Alves

A pesquisa é um amplo estudo sobre relações familiares a ser feito com uma população de 350 casais em Porto Alegre. Consiste num questionário com escalas (Likert) que será respondido por pais e filhos. Tem-se todo cuidado com o termo de consentimento, onde se insiste sobre a confidencialidade dos dados. Não vejo que haja implicações éticas que se interponham à investigação. Também não vejo que haja algum risco para qualquer das partes.

Sendo assim, o projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 05/10/2010, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 05.10.2009.

Comitê de Ética em Pesquisa
Registro: 2006.089325/2006-58
Instituto de Psicologia - UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Conjugalidade e parentalidade: a reverberação dos estilos de resolução de conflitos na família

Pesquisador: Adriana Wagner

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 33087314.1.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA CIENCIA, TECNOLOGIA E INOVACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 859.507

Data da Relatoria: 02/11/2014

Apresentação do Projeto:

Uma das grandes preocupações dos profissionais da psicologia é o bem-estar infantil. Há um importante interesse na proteção das crianças e adolescentes, envolvendo, entre outros aspectos, o estabelecimento de fronteiras nítidas entre a conjugalidade dos pais e o exercício da parentalidade. Entretanto, sabe-se que conflitos são inerentes aos relacionamentos e que relações parentais funcionais ou disfuncionais na família reverberam sobre todos os membros. O presente projeto busca investigar estratégias de resolução de conflitos entre casais e a reverberação de tais estratégias nas relações estabelecidas por seus filhos. Ainda, avaliar como o conflito conjugal é percebido pelas crianças e adolescentes. Posteriormente, criar um material didático a partir dos dados encontrados. Para tanto, participarão 350 casais e seus filhos. Os casais responderão a um questionário contendo dados sociodemográficos e escalas que avaliem o relacionamento conjugal e as estratégias que utilizam para resolver conflitos e os filhos um questionário com dados sociodemográficos, uma escala sobre a percepção do relacionamento de seus pais e uma escala sobre estratégias de resolução de conflitos com seus iguais. Os dados serão analisados através de estatísticas descritivas, correlações, diferenças de média e análise discriminante.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)308-5898

Fax: (51)308-5898

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 859.507

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Primeiro Momento: 1. Avaliar e compreender as relações existentes entre: 1a. Níveis de conflitos conjugais e estilos de resolução de tais conflitos; 1b. A percepção dos filhos sobre os conflitos parentais e suas estratégias de resolução de conflitos com seus pares e progenitores. Segundo Momento: 2. Sistematizar e propor: 2a. Estratégias de resolução de conflitos conjugais que protejam e promovam melhores níveis de saúde no exercício da parentalidade.

Objetivo Secundário: - Mensurar os níveis e os tipos de conflito que os casais identificam em sua relação conjugal; - Identificar os estilos de resolução de conflitos utilizados pelos casais pesquisados, a partir de quatro estilos específicos: a resolução positiva dos problemas, o envolvimento no conflito, o afastamento e a submissão; - Conhecer a percepção dos filhos sobre os conflitos parentais quanto à frequência, intensidade, resolução e conteúdo, descrevendo suas reações frente a estes, tais como: culpabilidade, sensação de ameaça, de repetição das causas dos conflitos e eficácia nas estratégias de enfrentamento; - Descrever os comportamentos de resolução de conflitos utilizados pelos filhos dos casais estudados na relação com seus pares e progenitores, a partir das dimensões ataque, evitação e conciliação; - Criar um material pedagógico de orientação aos casais propondo formas alternativas de resolução de seus conflitos conjugais a fim de proteger seus filhos e promover melhores níveis de saúde no exercício da parentalidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Um risco potencial deste projeto é a possibilidade de que a entrevista mobilize sentimentos e emoções nos indivíduos participantes. Contudo, cabe ressaltar que estas pessoas não ficarão desassistidas após a participação na entrevista, pois serão encaminhados para atendimento caso seja identificada tal necessidade.

Benefícios: Este projeto se insere na atual política de promoção de saúde identificada como Estratégia de Saúde da Família (ESF) (Programa de Saúde da Família, 2009), buscando novas alternativas para realizar tal ação. A partir do desenvolvimento de subsídios teórico-técnicos que aprimorem os processos de avaliação das relações conjugais e sua reverberação na socialização dos filhos, esse projeto visa a propor estratégias de manejo de tais situações. Sendo assim, o que se busca é descrever as dimensões do conflito conjugal na perspectiva do casal e de seus filhos, os estilos e estratégias de resolução destes, entre os membros do subsistema conjugal, e as maneiras como tais aspectos se expressam nas

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)308-5898 Fax: (51)308-5898 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 859.607

relações que os filhos estabelecem com seus iguais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pendência identificada em parecer anterior foi justificada pelos autores tendo em vista tal projeto estar inserido em um projeto maior e utilizar banco de dados para análise. Sendo assim, não há pendência atual.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisa está metodologicamente e teoricamente adequada.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendência atual.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado pelo CEP-Psico.

PORTO ALEGRE, 05 de Novembro de 2014

Assinado por:
Milena da Rosa Silva
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)308-5898

Fax: (51)308-5898

E-mail: cep-psico@ufrgs.br